



CLUBE DE SANGUE

CHARLAINE HARRIS

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

VOLUMES PUBLICADOS NESTA SÉRIE:

Sangue Fresco
Dívida de Sangue
Clube de Sangue

PRÓXIMO VOLUME A PUBLICAR:

Traição de Sangue

*Este livro é dedicado ao meu filho do meio,
Timothy Schulz, que me disse, sem rodeios,
que queria um livro só para ele.*

Agradecimentos

Agradeço a Lisa Weissenbuehler, Kerie L. Nickel, Marie La Salle e à incomparável Doris Ann Norris, pelas suas opiniões sobre porta-bagagens grandes e pequenos. Agradeço também a Janet Davis, Irene e Sonya Stocklin, outras cidadãs virtuais de DorothyL.com, pela informação prestada acerca de bares, do *bourrée* (um jogo de cartas) e das administrações de condado no Louisiana. Joan Coffey foi graciosa na sua partilha de informação acerca de Jackson. A maravilhosa e prestável Jane Lee guiou-me pacientemente por Jackson durante muitas horas, dedicando-se de corpo e alma à missão de encontrar a localização perfeita para um bar de vampiros.



1

Bill estava debruçado sobre o computador quando entrei na sua casa. Tornara-se uma situação demasiado familiar nos últimos dois meses. Duas semanas antes, desligava-se do trabalho quando eu chegava. Mas, agora, era o teclado que o atraía.

— Olá, querida — disse, ausente, com o olhar colado ao ecrã. Uma garrafa vazia de *TrueBlood* estava sobre a secretária, ao lado do teclado. Pelo menos, lembrara-se de comer.

Não sendo tipo de usar calças de ganga e camisola de manga curta, vestia calças de cor caqui e uma camisa de xadrez em tons discretos de azul e verde. A sua pele reluzia e o cabelo espesso cheirava a *Herbal Essence*. Era o suficiente para provocar uma descarga hormonal a qualquer mulher. Beije-i-lhe o pescoço e não reagiu. Lambi-lhe a orelha. Nada.

Passara seis horas de pé no *Merlotte's Bar* e, com cada gorjeta demasiado baixa e com cada apalpão no rabo, recordava que, dentro de pouco tempo, estaria com o meu namorado, fazendo sexo incrível e deleitando-me com a sua dedicação.

Parecia não estar a acontecer.

Inspirei lentamente e com firmeza e fitei as costas de Bill. Eram costas maravilhosas, com ombros largos, e planeava vê-las nuas com as minhas unhas cravadas na pele. Contara realmente com isso. Expirei, com lentidão e firmeza idênticas.

— Dá-me só um minuto — pediu Bill. No ecrã, via a fotografia de um homem de aspecto distinto com cabelo grisalho e um bronzeado intenso. Era sensual ao jeito do Anthony Quinn e parecia poderoso. Por baixo da fotografia havia um nome e, por baixo dele, algumas linhas de texto. «Nascido em 1756 na Sicília», começava. No momento em que abri a boca para dizer que, apesar da lenda, os vampiros apareciam realmente nas fotografias, Bill voltou-se e percebeu que eu lia.

Pressionou um botão e o ecrã ficou vazio.

Olhei-o, sem acreditar no que acabara de acontecer.

— Sookie — disse, tentando sorrir. Tinha os caninos retraídos, mostrando não estar na disposição em que esperara encontrá-lo. Não pensava em mim com desejos carnis. Como todos os vampiros, os seus caninos apenas se alongavam totalmente quando era dominado pela luxúria sexual ou pela luxúria da matança e do sangue. (Por vezes, as duas luxúrias misturam-se e alguém descobre um vampirófilo morto. Mas, na minha opinião, é o perigo a atrair a maioria dos vampirófilos.) Apesar de ter sido acusada de ser uma dessas criaturas patéticas que rodeiam vampiros com a esperança de captar a sua atenção, há apenas um vampiro com o qual me envolvo (pelo menos de forma voluntária) e era o que tinha sentado diante de mim. O que me escondia segredos. O que não se mostrava suficientemente feliz por me ver.

— Bill — disse-lhe, num tom gelado. Havia ali alguma coisa em grande. E não era a libido de Bill. (Libido era a entrada mais recente no meu calendário de palavras do dia).

— Não viste o que acabas de ver — retorquiu, com firmeza. Os seus olhos castanho-escuros fixaram-se em mim sem pestanejar.

— Hmm... — disse, soando talvez um pouco sarcástica. — Que andas a fazer?

— Tenho uma missão secreta.

Não sabia se devia rir-me ou afastar-me, irritada. Por isso, limitei-me a erguer as sobrancelhas e esperar mais. Bill era o investigador da Área 5, uma divisão administrativa vampírica no Louisiana. Eric, o líder da Área 5, nunca dera uma «missão» a Bill que este devesse esconder de mim. Aliás, eu costumava fazer parte da equipa de investigadores, mesmo que contra a minha vontade.

— O Eric não pode saber. Nenhum dos vampiros da Área 5 pode saber.

Aquilo perturbou-me.

— Então... se não trabalhas para o Eric, para quem é? — Ajoelhei-me, deixando de resistir ao cansaço que sentia nos pés e encostando-me aos joelhos de Bill.

— Para a rainha do Louisiana — respondeu, quase num sussurro.

Porque parecia tão solene, tentei manter a seriedade, mas não consegui. Comecei a rir, não conseguindo suprimir os risinhos sucessivos.

— Falas a sério? — perguntei, sabendo que falava. Bill era quase sempre um tipo sério. Escondi a cara na sua coxa para que não conseguisse ver como aquilo me divertia. Ergui os olhos para espreitar rapidamente a sua face. Parecia bastante irritado.

— Tão sério como um túmulo — disse Bill, soando tão severo que fiz um esforço sério para me controlar.

— Muito bem. Deixa-me ver se percebi — disse, num tom adequadamente racional. Sentei-me de pernas cruzadas e deixei as mãos repousar nos joelhos. — Trabalhas para o Eric, o chefe da Área 5, mas também há uma rainha? Do Louisiana?

Bill respondeu com um aceno afirmativo.

— Então o estado está dividido em áreas? E ela é a superior hierárquica do Eric por gerir um negócio em Shreveport, que fica na Área 5? — Novo aceno afirmativo. Cobri a cara com a mão e abanei a cabeça. — Então onde vive ela? Baton Rouge? — A capital do estado parecia o sítio adequado.

— Não. Em Nova Orleães, claro.

«Claro.» O centro da actividade vampírica. Era praticamente impossível atirar uma pedra na *Big Easy* sem atingir um não-morto, de acordo com os jornais (ainda que só um grande parvo se arriscasse a fazê-lo). O negócio do turismo em Nova Orleães florescia, mas a clientela deixara de ser exactamente a mesma multidão de gente embriagada e barulhenta que acorria à cidade em busca de diversão. Os turistas mais recentes eram os que queriam conviver com os não-mortos, visitar um bar de vampiros ou uma prostituta vampira, ver um espectáculo de sexo vampírico.

Era o que ouvira dizer. Não ia a Nova Orleães desde a infância. Os meus pais tinham-me levado a mim e a Jason, o meu irmão. Acontecera antes dos meus sete anos porque tinha essa idade quando morreram.

Tinham partido quase vinte anos antes de os vampiros surgirem na televisão para anunciarem a sua presença real entre nós, um anúncio que se seguira à invenção japonesa de sangue sintético que con-

seguia realmente sustentar a vida de um vampiro sem necessidade de se alimentar de sangue humano.

A comunidade vampírica dos Estados Unidos permitira que os clãs vampíricos japoneses se assumissem em primeiro lugar. Depois, em simultâneo na maior parte dos países do mundo com televisão (e que países não a terão nos dias que correm?), o anúncio fora feito em centenas de línguas diferentes por centenas de vampiros cuidadosamente seleccionados pela sua aparência aprazível.

Nessa noite, dois anos e meio antes, nós, pessoas normais e vivas, aprendemos que sempre tínhamos partilhado o mundo com monstros.

A principal mensagem deste anúncio fora: «Mas agora podemos integrar-nos e viver convosco em harmonia. Já não têm motivo para nos rezear. Não precisamos de vós para nos alimentarmos.»

Como poderão imaginar, foi uma noite de audiências televisivas elevadas e de tremenda agitação. As reacções foram muito variadas, dependendo do país.

Os vampiros nos países predominantemente islâmicos foram os que sofreram mais. Não quererão saber o que aconteceu ao porta-voz dos não-mortos da Síria, apesar de ser possível que a vampira afegã tenha morrido de forma ainda mais horrível... e definitiva. (Em que teriam pensado quando escolheram uma mulher para essa missão? Os vampiros podiam ser inteligentes, mas, por vezes, pareciam perder o contacto com o presente.)

Alguns países (a França, a Itália e a Alemanha foram os exemplos mais notáveis) recusaram-se a aceitar os vampiros como cidadãos com direitos iguais. Muitos (como a Bósnia, a Argentina e a maioria das nações africanas) negaram aos vampiros qualquer estatuto e declararam-nos alvos legítimos para qualquer caçador de recompensas. Mas os Estados Unidos, a Inglaterra, o México, o Canadá, o Japão, a Suíça e os países escandinavos adoptaram uma postura mais tolerante.

Era difícil determinar se os vampiros tinham esperado ou não aquela reacção. Porque continuavam a lutar para serem incluídos entre os vivos, mantinham grandes reservas acerca das suas formas de organização e governo e o que Bill me dizia naquele momento era o máximo do que alguma vez ouvira acerca desse assunto.

— Então a rainha dos vampiros do Louisiana encarregou-te de uma missão secreta — disse, tentando soar neutral. — E é por isso que não tens largado o computador durante cada hora que passaste acordado nas últimas semanas.

— Sim — disse Bill. Ergueu a garrafa de *TrueBlood* e levou-a aos lábios, mas restavam apenas algumas gotas. Percorreu o corredor até à área que servia de cozinha (quando remodelou a velha casa de família, deixara de parte a cozinha, quase por completo, por não precisar de uma) e tirou outra garrafa do frigorífico. Mantinha-me atenta aos sons que fazia, abrindo a garrafa e colocando-a no microondas. Ouvi o apito do microondas e ele regressou, abanando a garrafa com o polegar e tapando o gargalo para a temperatura se manter homogénea.

— Quanto tempo precisarás de perder com esta missão? — perguntei, acreditando tê-lo feito de forma bastante razoável.

— O tempo que for necessário — respondeu ele, de forma menos razoável. Na verdade, Bill soou verdadeiramente irritado.

Hmm. Poderia a nossa lua-de-mel ter chegado ao fim? Claro que me referia à lua-de-mel em sentido figurado, pois Bill é um vampiro e a lei impede que casemos em praticamente todos os países do mundo.

Não que ele me tenha pedido em casamento.

— Se estás tão ocupado com a tua missão, vou manter a distância até terminares — disse, lentamente.

— Talvez seja o melhor — disse Bill, após uma pausa perceptível, fazendo-me sentir como se me tivesse esmurrado no estômago. Num repente, pus-me de pé e vesti o casaco sobre a minha farda de empregada para o tempo frio: calças pretas, camisola de mangas compridas branca com *Merlotte's* bordado sobre o seio esquerdo. Voltei-lhe as costas para esconder a cara.

Tentava não chorar e não o olhei, nem sequer quando senti a sua mão tocar-me o ombro.

— Preciso de te dizer uma coisa — disse-me Bill com a sua voz fria e suave. Imobilizei-me enquanto calçava as luvas, mas não me achei capaz de o olhar. Podia falar para a minha metade traseira. — Se algo me acontecer — prosseguiu (e foi aqui que devia ter começado a preocupar-me) —, deverás procurar no esconderijo que construí em tua casa. O meu computador deverá estar aí, juntamente com alguns discos. Não digas a ninguém. Se o computador não estiver no esconderijo, vem a minha casa procurá-lo. Vem de dia e armada. Leva o computador e os discos que conseguires encontrar e esconde-os no meu buraco, como tu lhe chamas.

Acenei com a cabeça em concordância. Ele conseguiria ver o gesto de onde estava. Eu não confiava na minha voz.

— Se não regressar ou se não tiveres notícias minhas em... diga-

mos... oito semanas... sim, em oito semanas... conta ao Eric tudo o que te disse hoje. E coloca-te sob sua protecção.

Não disse nada. Sentia-me demasiado miserável para estar furiosa. Mas não tardaria a alcançar o ponto de ruptura. Reagi às suas palavras com um movimento da cabeça. Senti o rabo-de-cavalo dançar-me contra o pescoço.

— Em breve vou para... Seattle — disse Bill. Sentia os seus lábios frios tocarem-me o pescoço no local por onde passara o rabo-de-cavalo.

Mentia.

— Quando regressar, falaremos.

De alguma forma, aquela possibilidade não me pareceu nada aliciante. De alguma forma, pareceu-me ameaçadora.

Voltei a mover a cabeça, não arriscando falar porque começara a chorar. Preferiria morrer a permitir-lhe que visse as lágrimas.

E foi assim que o deixei naquela fria noite de Dezembro.

No dia seguinte, a caminho do trabalho, fiz um desvio pouco razoável. Deixara-me afundar no tipo de disposição que me fazia compreender a que ponto tudo era horrível. Apesar das noites quase sem dormir, algo dentro de mim me dizia que talvez conseguisse piorar um pouco mais o que sentia se passasse pela Magnolia Creek Road. E, sem hesitar, foi o que fiz.

Havia grande movimento na velha mansão dos Bellefleur, Belle Rive, mesmo num dia frio e feio. Estacionadas junto à porta da cozinha da casa anterior à guerra, havia carrinhas de uma empresa de exterminadores, de uma empresa de decoração de cozinhas e de um aplicador de revestimentos. A vida sorria a Caroline Holliday Bellefleur, a anciã que governara Belle Rive e (pelo menos em parte) a cidade de Bon Temps durante os oitenta anos anteriores. Pensei se as mudanças em Belle Rive agradariam a Portia, uma advogada, e a Andy, um detective da polícia. Viviam com a avó (como eu vivera com a minha) durante todas as suas vidas adultas. No mínimo, teriam de apreciar o gosto que revelava na renovação da mansão.

A minha avó fora assassinada alguns meses antes.

Os Bellefleur não tinham estado envolvidos, claro. E não havia motivo para Portia e Andy partilharem comigo o gosto por aquela nova riqueza. Aliás, ambos me evitavam como se tivesse peste. Tinham uma dívida para comigo e não conseguiam suportá-lo. E nem sequer conheciam a verdadeira extensão dessa dívida.

Os Bellefleur tinham recebido uma herança misteriosa de um parente que «morrera em circunstâncias misteriosas algures na Europa», ouvira Andy contar a um colega da polícia enquanto bebiam no *Merlotte's*. Quando veio trazer rifas para a colcha das Senhoras da Igreja Baptista de Getsémani, Maxine Fortenberry contou-me que a Sra. Caroline vasculhara todos os registos familiares que encontrou para identificar o seu benfeitor e continuava sem qualquer pista para esclarecer a sorte da família.

Mas não parecia ter qualquer problema em gastar o dinheiro.

Até Terry Bellefleur, o primo de Portia e Andy, tinha uma carrinha nova estacionada no piso de terra batida à frente da sua caravana. Simpatizava com Terry, um veterano do Vietname coberto de cicatrizes e que não tinha muitos amigos. Não me incomodou que comprasse uma nova montada.

Mas pensei no carburador que fora forçada a substituir no meu velho carro. Pagara o trabalho por completo, apesar de ter ponderado perguntar a Jim Downey se poderia pagar metade e ir pagando o resto ao longo dos dois meses seguintes. Mas Jim tinha mulher e três filhos. Na manhã daquele dia, pensara pedir ao meu patrão, Sam Merlotte, para me dar mais horas no bar. Sobretudo depois de saber que Bill iria para Seattle, poderia passar a viver no *Merlotte's*, se Sam precisasse de mim. O dinheiro ser-me-ia muito útil.

Esforcei-me muito para afastar o azedume enquanto me afastava de Belle Rive. Dirigi-me para sul da cidade e virei à esquerda para a Hummingbird Road, a caminho do *Merlotte's*. Tentei fingir que tudo estava bem, que, no seu regresso de Seattle (ou de onde quer que fosse), Bill voltaria a ser um amante apaixonado e voltaria a dar-me atenção, fazendo-me sentir preciosa. Voltaria a conhecer aquela sensação de pertença em vez de estar sozinha.

Claro que tinha Jason, o meu irmão. Mesmo que me visse forçada a admitir que, no que dizia respeito a intimidade e companheirismo, dificilmente poderia contar com ele.

Mas a dor que sentia era indiscutivelmente a dor da rejeição. Conhecia-a muito bem. Era como uma segunda pele.

E odiava ter de voltar a vesti-la.



2

Testei a maçaneta da porta para me certificar de que a tinha trancado, voltei-me e, pelo canto do olho, vi uma figura sentada no balouço do alpendre. Abafei um grito quando se ergueu. Foi nesse momento que o reconheci.

Eu vestia um casaco grosso, mas ele estava de camisola de alças. Não me surpreendeu nada.

— Elv... — Foi por pouco. — Bubba, como estás? — Tentava soar casual e despreocupada. Não consegui, mas Bubba não era o vampiro mais esperto do seu bairro. Os restantes vampiros admitiam que transformá-lo quando estava tão perto da morte e tão carregado de drogas fora um grande erro. Na noite em que fora recolhido, um dos funcionários de serviço na morgue era não-morto e também um grande fã. Com um plano apressado e complexo envolvendo um ou dois homicídios, o funcionário conseguiu «transformá-lo», tornando Bubba um vampiro. Mas o processo nem sempre corria bem. Desde então, era passado de mão em mão como um primo imbecil da realeza. Coubera ao Louisiana albergá-lo durante todo o ano anterior.

— Menina Sookie, como 'tás? — O seu sotaque continuava carregado e a face mantinha um encanto jovial. O cabelo escuro caía-lhe sobre a testa de forma cuidadosamente descuidada. As patilhas grossas estavam escovadas. Algum fã não-morto tinha-o preparado para a noite.

— Estou ótima, obrigada — respondi, educadamente, sorrindo de orelha a orelha. Faço-o quando me sinto nervosa. — Preparava-me para ir trabalhar — acrescentei, pensando se me seria permitido entrar no carro e ir embora. Tinha grandes dúvidas.

— Menina Sookie, fui enviado para te guardar esta noite.

— Foste? Por quem?

— Pelo Eric — respondeu, orgulhoso. — Era o único que estava no gabinete quando recebeu uma chamada. Disse-me para me pôr a andar p'raqui.

— Qual é o perigo? — Olhei em redor, para a clareira florestal em que se situava a minha velha casa. As notícias de Bubba deixaram-me muito nervosa.

— Não sei, menina Sookie. O Eric disse-me p'ra te vigiar esta noite até um dos tipos do *Fangtasia* cá vir... O Eric, o Chow ou a menina Pam. Ou até mesmo o Clancy. Por isso, se fores trabalhar, eu vou contigo. E trato de quem se meter contigo.

Era inútil continuar a questionar Bubba, forçando aquele cérebro frágil. Serviria apenas para o arrelhar e não me agradava nada fazê-lo. Era por esse motivo que precisava de me lembrar de não o tratar pelo seu antigo nome... Mesmo que cantasse, de vez em quando, sendo sempre inesquecível quando o fazia.

— Não podes entrar no bar — disse, secamente. Seria um desastre. A clientela do *Merlotte's* estava habituada a vampiros ocasionais, mas não podia adverti-los a todos para não dizerem o seu nome. Eric devia sentir-se desesperado. A comunidade vampírica mantinha erros como Bubba longe da vista, apesar de, ocasionalmente, ele decidir passear sozinho. Esses momentos resultavam em «avistamentos» e os tablóides enlouqueciam.

— Talvez possas sentar-te no carro enquanto trabalho? — O frio não o afectaria.

— Tenho de estar mais perto — disse, soando inabalável.

— Muito bem. Que tal o gabinete do meu patrão? Fica mesmo ao lado do balcão e podes ouvir-me se gritar.

Bubba continuava a não parecer satisfeito, mas, por fim, acenou afirmativamente. Libertei o ar que não me apercebera que guardava nos pulmões. Ser-me-ia mais fácil ficar em casa e ligar a dizer que estava doente. No entanto, além de Sam contar comigo, precisava do pagamento.

O carro pareceu pequeno demais com Bubba sentado à frente a meu lado. Enquanto nos dirigimos aos solavancos para fora da minha

propriedade, atravessando a floresta e alcançando a estrada, tentei lembrar-me de encomendar um carregamento de gravilha para o caminho longo e sinuoso de acesso à casa. A seguir, cancelei a encomenda, também mentalmente. Não podia pagá-lo naquele momento. Teria de esperar pela Primavera. Ou pelo Verão.

Virámos à direita para percorrer os poucos quilómetros até ao *Merlotte's*, o bar onde trabalho quando não estou envolvida em Assuntos Altamente Secretos dos vampiros. Ocorreu-me a meio do caminho que não tinha visto um carro que Bubba pudesse ter usado para chegar até mim. Talvez tivesse voado? Alguns vampiros conseguiam fazê-lo. Apesar de Bubba ser o vampiro menos talentoso que já conhecera, talvez tivesse queda para o voo.

Um ano antes, ter-lhe-ia perguntado. Mas não o fiz naquele momento. Habituei-me a conviver com os não-mortos. Não por ser vampira. Sou telepata. A minha vida foi um inferno até conhecer um homem cuja mente não consegui ler. Infelizmente, não conseguia ler-lhe a mente porque estava morto. Mas passara vários meses com Bill e, até pouco tempo antes, a nossa relação sempre fora excelente. E os outros vampiros precisavam de mim, o que me garantia a segurança... até certo ponto. Quase sempre. Às vezes.

O *Merlotte's* não parecia ter muito movimento, a julgar pelo parque de estacionamento meio vazio. Sam comprara o bar uns cinco anos antes. Antes, fora um fracasso. Talvez por ter sido construído no meio da floresta que rodeava o parque de estacionamento. Ou talvez o proprietário anterior não tivesse encontrado a combinação adequada de bebida, comida e qualidade de serviço.

De alguma forma, depois de mudar o nome do sítio e de o renovar, Sam conseguira inverter a situação. O bar permitia-lhe viver com conforto. Mas era segunda à noite, uma noite fraca para os copos na nossa região, no Norte do Louisiana. Estacionei no parque dos empregados, imediatamente à frente da caravana de Sam Merlotte, que, por sua vez, se situa atrás e à direita da entrada de serviço. Saltei do banco do condutor, corri até ao armazém e espreitei pelo painel de vidro na porta para verificar o corredor curto com as portas para as casas de banho e para o gabinete de Sam. Vazio. Ótimo. E, quando lhe bati à porta, Sam estava sentado à secretária, o que era ainda melhor.

Não é um homem alto, mas é muito forte. Tem cabelo louro e olhos azuis e será uns três anos mais velho do que os meus vinte e seis. Trabalhei para ele durante aproximadamente os mesmos três anos.

Gosto do Sam e era ele a personagem principal de algumas das minhas fantasias preferidas. Mas, desde que se envolveu com uma criatura bela e homicida alguns meses antes, o meu entusiasmo esmoreceu. Mas continua a ser um amigo.

— Desculpa, Sam — disse, sorrindo como um idiota.

— Que se passa? — Fechou o inventário de abastecimentos do bar que se ocupava a estudar.

— Preciso de esconder aqui alguém durante algum tempo.

Sam não pareceu nada agradado.

— Quem? O Bill regressou?

— Não, continua em viagem. — O meu sorriso cresceu ainda mais. — Mas... hmm... enviaram outro vampiro para me vigiar. E preciso de o deixar aqui enquanto trabalho, se não te importares.

— Porque precisas que te vigiem? E porque não pode ele sentar-se no bar? Temos *TrueBlood* que chegue. — O *TrueBlood* parecia superiorizar-se às marcas de sangue sintético concorrentes. «O melhor a seguir ao elixir da vida» diziam os seus primeiros anúncios. E os vampiros reagiram favoravelmente à campanha.

Ouvi um som quase inaudível atrás de mim e suspirei. Bubba não conseguira controlar a impaciência.

— Eu pedi-te... — comecei, tentando voltar-me, mas sem conseguir completar o movimento. Uma mão segurou-me o ombro e fez-me girar. Deparei-me com um homem que nunca vira. Erguia o punho para me esmurrar a cabeça.

Apesar de os efeitos do sangue de vampiro que ingeri alguns meses antes (apenas para me salvar a vida) se terem dissipado quase por completo... já quase não brilhava no escuro... continuo mais rápida do que a maioria das pessoas. Baixei-me e golpeei as pernas do homem, fazendo-o cambalear, o que tornou mais fácil que Bubba o segurasse e lhe esmagasse a garganta.

Pus-me de pé com dificuldade e Sam correu para fora do gabinete. Olhámo-nos, olhando também Bubba e o morto.

Estávamos num belo sarilho.

— Dei cabo dele — afirmou Bubba, com orgulho. — Salvei-te, menina Sookie.

Receber uma visita do Rei do Rock no seu bar, perceber que se tornara um vampiro e vê-lo matar um atacante em potência era demasiado para absorver em poucos minutos até para Sam, mesmo que ele próprio fosse algo mais do que aparentava.

— Pois deste — disse-lhe Sam, tentando aplacá-lo. — Sabes quem era? Nunca vira um morto fora de uma agência funerária até começar a sair com Bill (que, obviamente, estava tecnicamente morto, mas referia-me a mortos humanos).

De um momento para o outro, parecia que começava a vê-los com demasiada frequência. Por sorte, não sou muito impressionável.

Aquele morto em particular vivera até aos quarenta anos e cada ano da sua vida deixara marcas. Tinha tatuagens cobrindo por completo os braços e a maioria revelava a má qualidade de tatuagens feitas na prisão. Além disso, faltavam-lhe alguns dentes importantes. Vestia o que descreveria como roupas de motoqueiro: calças de ganga azuis sebosas e colete de cabedal com uma camisola de manga curta obscena por baixo.

— O que está escrito nas costas do colete? — perguntou Sam, como se isso fosse importante.

Prestável, Bubba agachou-se e voltou o cadáver. A forma como a mão do homem se moveu na extremidade do braço deixou-me bastante agoniada. Mas forcei-me a olhar o colete. As costas estavam decoradas com uma insígnia representando uma cabeça de lobo. O lobo estava de perfil e parecia uivar. A cabeça recortava-se contra um círculo branco, que decidi ser a lua. Sam pareceu ainda mais preocupado quando viu a insígnia.

— Lobisomem — disse, com expressão tensa. Aquilo explicava muita coisa.

O clima estava demasiado frio para alguém vestir apenas um colete, se não fosse um vampiro. Os lobisomens tinham sangue um pouco mais quente do que as pessoas normais, mas tinham o cuidado de vestir casacos quando fazia frio, já que a sociedade lobisomem continuava a ocultar-se dos humanos (exceptuando-me a mim, grande felizarda, e, possivelmente a mais algumas centenas de pessoas). Pensei se o morto teria deixado um casaco no bar, pendurado no cabide junto à entrada principal. Se fosse esse o caso, tinha-se escondido na casa de banho dos homens, à espera que eu chegasse. Ou talvez tivesse entrado pela porta dos fundos atrás de mim. Talvez o casaco estivesse no veículo que o trouxera.

— Viste-o entrar? — perguntei a Bubba. Sentia-me um pouco aérea.

— Sim, senhora. Devia estar à tua espera naquele grande parque de estacionamento. Contornou uma esquina, saiu do carro e entrou

um minuto depois de ti. Entraste pela porta e ele seguiu-te. E eu segui-o a ele. Tens muita sorte por eu estar aqui.

— Obrigada, Bubba. Tens razão. Tenho sorte por te ter comigo. Que será que planeava fazer-me? — Senti-me arrefecer enquanto pensava no assunto. Procuraria apenas uma mulher qualquer ou o plano seria realmente apanhar-me a mim? Depois, percebi que não fazia sentido pensar assim. Se Eric se sentira suficientemente alarmado para enviar um guarda-costas, devia saber que havia uma ameaça, o que anulava a possibilidade de ter sido escolhida por acaso. Sem outros comentários, Bubba saiu pela porta das traseiras. Regressou um minuto depois.

— Tem adesivo e mordanças no banco da frente do carro — explicou. — Deixou lá o casaco. Trouxe-o para o pôr debaixo da cabeça. — Curvou-se para dispor o casaco de camuflado com grandes chumachos em redor da cabeça e pescoço do homem. Era uma excelente ideia embrulhar-lhe a cabeça porque sangrava um pouco. Quando terminou a tarefa, Bubba lambeu os dedos.

Sam rodeou-me com um braço porque comecei a tremer.

— Mas é estranho — dizia, quando a porta do bar para o corredor começou a abrir-se. Vislumbrei a cara de Kevin Pryor. Era bom tipo, mas era um polícia e era a última coisa de que precisávamos.

— Desculpa. A casa de banho está com um problema nos canos — disse, fechando-lhe a porta na cara estreita e espantada. — Ouçam, rapazes, que tal se segurar a porta enquanto vocês o levam para o carro? Depois, podemos pensar no que faremos com ele. — O chão do corredor precisaria de limpeza. Descobri que a porta trancava. Nunca antes o percebera.

Sam pareceu duvidar.

— Sookie, não achas que devíamos chamar a polícia? — perguntou.

Um ano antes, não teria perdido tempo a pegar no telefone e a marcar o 911 antes que o corpo embatesse no chão. Mas esse ano fora uma longuíssima curva de aprendizagem. Captei o olhar de Sam e inclinei a cabeça para Bubba.

— Achas que se daria bem na prisão? — murmurei. Bubba cantarolava o primeiro verso de *Blue Christmas*. — Nenhum de nós tem mãos suficientemente fortes para fazer isto — referi.

Após um momento de indecisão, Sam manifestou a sua concordância com um aceno, resignando-se ao inevitável.

— Muito bem, Bubba. Vamos levar este tipo para o carro.

Corri para buscar uma esfregona enquanto os homens (bom... o vampiro e o metamorfo) levavam o Motoqueiro pela porta das tra-seiras. Quando regressaram, arrastando consigo um sopro de ar frio, tinha limpado o corredor e a casa de banho dos homens (como teria feito se tivesse havido realmente um problema nos canos). Pulverizei o corredor com desodorizante para melhorar a atmosfera.

Foi uma sorte termos agido rapidamente porque Kevin empurrou a porta assim que a destranquei.

— Está tudo bem por aqui? — perguntou. Kevin é um atleta. Por isso, quase não tem gordura corporal e não é um tipo grande. Assemelha-se vagamente a uma ovelha e ainda vive com a mãe. Mas, apesar de tudo isso, não é nenhum tolo. No passado, sempre que ouvi os seus pensamentos, percebi que eram sobre o trabalho policial ou sobre a sua parceira negra, Kenya Jones. Naquele momento, ouvia a sua desconfiança.

— Acho que conseguimos resolver a situação — respondeu Sam. — Cuidado com os pés. Acabámos de lavar o chão. Se tropeçares, não me processes! — Esboçou-lhe um sorriso.

— Há alguém no teu gabinete? — perguntou Kevin, indicando a porta fechada com a cabeça.

— Um amigo da Sookie — disse Sam.

— É melhor começar a servir bebidas — disse, alegremente, sorrindo aos dois. Ergui a mão para me assegurar que o rabo-de-cavalo estava no sítio e dei corda aos *Reeboks*. O bar estava quase vazio e a empregada que substituí (Charlsie Tooten) pareceu aliviada.

— É uma noite arrastada — murmurou-me. — Os tipos da mesa seis fazem aquele jarro durar há uma hora e a Jane Bodehouse tentou engatar todos os homens que entraram. O Kevin passou a noite a escrever num caderno.

Olhei a única cliente feminina, tentando impedir-me de manifestar repulsa. Todos os estabelecimentos que servem bebidas têm o seu quinhão de clientes alcoólicos, gente que abre e fecha o local. Jane Bodehouse era uma das nossas. Normalmente, bebia sozinha em casa, mas, de duas em duas semanas, metia na cabeça que precisava de um homem. O processo de engate tornava-se cada vez mais complicado, não apenas porque Jane passara já dos cinquenta, mas também porque a falta de sono e de nutrição adequada tinham deixado marcas ao longo dos dez anos anteriores.

Naquela noite em particular, notei que, quando Jane aplicava a maquiagem, falhara os limites das sobrancelhas e dos lábios. O resultado era bastante perturbador. Teríamos de ligar ao filho para a vir buscar. Bastou olhá-la para perceber que não podia conduzir.

Acenei a Charlsie e a Arlene, a outra empregada, sentada a uma mesa com Buck Foley, a sua última paixão. As coisas estavam realmente mortas se Arlene nem sequer estava de pé. Retribuiu-me o aceno, fazendo dançar os caracóis ruivos.

— Como estão as crianças? — perguntei, começando a arrumar os copos que Charlsie tirara da máquina de lavar. Achei que me comportava com grande normalidade até notar que as mãos me tremiam com violência.

— Estão óptimas. O Coby conseguiu nota máxima nas disciplinas todas e a Lisa venceu o concurso de soletração — anunciou com um grande sorriso. A quem não acreditasse que uma mulher com quatro casamentos no historial poderia ser uma boa mãe, não hesitaria em apontar Arlene. Sorri também a Buck, por respeito à sua companheira. Buck enquadrava-se no tipo de homens com quem Arlene se envolve e que nunca são suficientemente bons para ela.

— Fantástico! São miúdos espertos. Saem à mãe — disse-lhe.

— Ei. Aquele tipo encontrou-te?

— Qual tipo? — Tive um pressentimento de que sabia a quem se referia.

— O tipo vestido de motoqueiro. Perguntou se era eu a empregada que namorava com o Bill Compton porque tinha uma encomenda para lhe entregar.

— Não sabia o meu nome?

— Não. E isso é estranho, não é? Meu Deus, Sookie! Se não sabia o teu nome, não pode ter sido enviado pelo Bill.

Era possível que a inteligência de Coby tivesse sido herdada do pai, já que Arlene levava aquele tempo todo a percebê-lo. Amava-a pela sua personalidade e não pelo cérebro.

— O que lhe disseste? — perguntei, sorrindo. Era o meu sorriso nervoso e não o real. Nem sempre consigo controlá-lo.

— Disse-lhe que prefiro homens quentes e que respiram — contou, rindo-se. Ocasionalmente, Arlene perdia também todo o tacto. Ocorreu-me que deveria reavaliar porque a considerava uma boa amiga. — Não, não disse nada disso. Disse-lhe só que era a loura que chegaria às nove.

Obrigada, Arlene. O meu atacante soube quem eu era porque a minha melhor amiga me identificou. Não sabia o meu nome ou onde vivia, apenas que trabalhava no *Merlotte's* e que namorava com Bill Compton. Era ligeiramente confortante, mas não passava daí.

Três horas arrastaram-se. Sam saiu e disse-me num sussurro que dera a Bubba uma revista para folhear e uma garrafa de *Life Support* para bebericar, começando a procurar algo atrás do balcão.

— Porque vinha aquele tipo num carro e não numa mota? — murmurou Sam. — Porque tem o carro uma matrícula do Mississippi? — Calou-se quando Kevin se aproximou para conferir que ligaríamos ao filho de Jane, Marvin. Sam fez o telefonema, observado por Kevin, e transmitiu a garantia do filho vir ao bar nos vinte minutos seguintes. Kevin afastou-se depois disso, com o caderno preso debaixo do braço. Pensei se Kevin se transformara num poeta ou se escrevia o seu currículo.

Os quatro homens que tentavam ignorar Jane enquanto iam esvaziando o jarro a ritmo de tartaruga terminaram a cerveja e partiram, cada um deixando um dólar na mesa como gorjeta. Mãos largas. Nunca conseguiria reparar o caminho para casa com clientes daqueles.

Quando faltava apenas meia hora para o encerramento, Arlene ocupou-se das últimas tarefas e perguntou se podia partir com o Buck. Os filhos estavam ainda com a avó e podiam ter a caravana só para si durante algum tempo.

— Quando regressa o Bill? — perguntou-me enquanto vestia o casaco. Buck discutia futebol americano com Sam.

Encolhi os ombros. Ligara-me três noites antes, dizendo-me que chegara a Seattle em segurança e que se encontraria com... quem era suposto encontrar-se. A identificação do número de onde ligava dizia «Desconhecido». Senti que isso dizia muito acerca da situação. Achei que era mau sinal.

— Tu... tens saudades dele? — A sua voz era matreira.

— Que te parece? — perguntei, esboçando um pequeno sorriso. — Vai para casa e passa um bom bocado.

— O Buck é excelente em bons bocados — disse, quase debruçando-se para mim.

— Sortuda.

Quando Pam chegou, Jane Bodehouse era a única cliente que restava no *Merlotte's*. Quase não contava. Estava completamente desligada de tudo.

Pam é uma vampira e a co-proprietária do *Fangtasia*, um bar para turistas em Shreveport. É o braço direito de Eric. Pam é loura, terá mais de duzentos anos e consegue revelar sentido de humor, um traço raro entre os vampiros. Sendo possível ter um vampiro como amigo, era ela o mais próximo a que chegara.

Sentou-se num banco junto ao balcão e olhou-me sobre o tampo de madeira polida.

Era preocupante. Nunca vira Pam fora do *Fangtasia*.

— Que se passa? — perguntei em jeito de saudação. Sorri-lhe, mas sentia a tensão dominar-me.

— Onde está o Bubba? — perguntou com a sua voz precisa. Olhou sobre o meu ombro. — O Eric ficará irritado se o Bubba não tiver chegado aqui. — Pela primeira vez, notei que Pam tinha um ligeiro sotaque, mas não consegui identificá-lo. Talvez fosse apenas a entoação de inglês arcaico.

— Está lá atrás, no gabinete do Sam — respondi, concentrando-me na sua face. Desejava que o impasse chegasse ao fim. Sam colocou-se a meu lado e apresentei-os. Pam saudou-o de forma mais demorada do que saudaria um humano comum (que teria ignorado por completo) por Sam ser um metamorfo. E esperei ver uma centelha de interesse, já que Pam é omnívora em termos sexuais e Sam é uma criatura sobrenatural atraente. Apesar de os vampiros não serem conhecidos pela sua expressividade facial, decidi que Pam estava verdadeiramente desagradada.

— Qual é o problema? — perguntei, após um momento de silêncio.

Pam olhou-me. Somos ambas louras de olhos azuis, mas isso é como dizer que dois animais são ambos cães. Terminava aí a semelhança. O cabelo de Pam era liso e claro e os seus olhos eram de um azul muito escuro. Naquele momento, via neles um prenúncio de perigo. Olhou Sam com intensidade. Sem uma palavra, este partiu para ajudar o filho de Jane, um homem com trinta e tal anos de aspecto abatido, a levar a mãe até ao carro.

— O Bill desapareceu — disse Pam, sem rodeios.

— Não desapareceu, não. Está em Seattle — disse, manifestando uma esperança obtusa. Aprendera também essa palavra com o meu calendário de palavras do dia nessa manhã e tinha ali uma excelente oportunidade para a usar.

— Mentiu-te.

Absorvi o que disse e gesticulei-lhe que continuasse.

— Tem passado este tempo todo no Mississippi. Foi de carro até Jackson.

Baixei os olhos para a madeira do balcão com uma cobertura espessa de poliuretano. Percebera sozinha que Bill me mentira, mas ouvi-lo dito em voz alta e de forma directa doía como o raio. Mentira-me e desaparecera.

— Então... o que vão fazer para o encontrar? — perguntei, odiando a insegurança na minha voz.

— Estamos à procura. Fazemos tudo o que podemos — disse Pam. — Quem o levou pode estar também à tua procura. Foi por isso que o Eric enviou o Bubba.

Não consegui responder. Lutava para me controlar.

Sam regressou. Supus que o tivesse feito ao ver como estava perturbada. Cerca de um centímetro atrás de mim, ouvi-o dizer:

— Alguém tentou atacar a Sookie quando chegou ao trabalho esta noite. O Bubba salvou-a. O cadáver está atrás do bar. Íamos levá-lo depois de fechar.

— Que rapidez — considerou Pam. Pareceu ainda menos agrada-da. Olhou rapidamente Sam e acenou afirmativamente. Ele era, como ela, uma criatura sobrenatural, mesmo que isso fosse inferior a ser outro vampiro. — É melhor ir até ao carro ver o que encontro. — Pam pareceu tomar como adquirido que nos livraríamos do corpo em vez de fazer algo mais oficial. Os vampiros sentem dificuldades em aceitar a autoridade da lei e a obrigação dos cidadãos de avisar a polícia em situações anormais. Apesar de os vampiros não poderem integrar as forças armadas, podem tornar-se polícias e adoram esse trabalho. Mas os polícias vampiros são frequentemente vistos como párias pelos outros não-mortos.

Preferia pensar em polícias vampiros do que naquilo que Pam acabara de me dizer.

— Quando desapareceu o Bill? — perguntou Sam. Conseguiu manter a voz estável, mas notava-se ira debaixo da pele.

— Devia ter regressado ontem à noite — respondeu Pam. Ergui a cabeça. Não o sabia. Porque não me dissera Bill que voltava para casa? — Regressaria de carro a Bon Temps, ligaria para o *Fangtasia* para nos informar que chegara e encontrar-se-ia connosco esta noite. — Para um vampiro, aquilo correspondia a falar sem parar.

Pam marcou um número no telemóvel. Consegui ouvir os tons

electrónicos. Ouvi a conversa que se seguiu com Eric. Depois de transmitir os factos, Pam disse-lhe:

— Está aqui. Não fala.

Passou-me o telemóvel para a mão. Ergui-o automaticamente até ao ouvido.

— Sookie, estás a ouvir-me? — sabia que Eric conseguia ouvir o som que fazia o meu cabelo roçando o telemóvel e a minha respiração. — Sei que estás — continuou. — Ouve e obedece-me. Por agora, não digas a ninguém o que aconteceu. Age com normalidade. Vive como sempre fazes. Haverá sempre um de nós a vigiar-te, mesmo que não aches possível. Encontraremos alguém para te vigiar até durante o dia. Vingaremos o Bill e proteger-te-emos.

Vingar o Bill? Então Eric estava seguro de que Bill morrera. Ou que deixara de existir.

— Não sabia que regressava na noite passada — disse, como se fosse esse o facto mais importante.

— Tinha... más notícias para te transmitir — disse Pam, subitamente.

Eric ouviu-a e não conteve um ruído de desagrado.

— Diz à Pam para se calar — disse-me, parecendo verdadeiramente furioso pela primeira vez desde que o conhecera. Não via necessidade de transmitir a mensagem porque calculei que Pam o tivesse ouvido. A maioria dos vampiros tem a audição aguçada.

— Então sabias destas más notícias e sabias que regressava — disse. Não apenas Bill desaparecera e estaria morto (permanentemente morto), mas mentira-me acerca do sítio para onde se dirigia e dos motivos, ocultando-me um segredo importante, algo que me dizia respeito. A dor era tão profunda que nem sequer conseguia sentir a ferida. Mas sabia que a sentiria mais tarde.

Devolvi o telefone a Pam, voltei-me e saí do bar.

Hesitei quando me aproximei do carro. Devia ficar no *Merlotte's* para ajudar a esconder o corpo. Sam não era um vampiro e apenas se envolvera naquilo por mim. Não era justo para ele.

Mas, após hesitação de apenas um segundo, parti. Bubba podia ajudá-lo. E também Pam... Pam, que sabia de tudo, enquanto eu não sabia de nada.

Captei um vislumbre de uma face pálida na floresta quando cheguei a casa. Quase gritei ao vigia, convidando o vampiro a passar a noite sentado no sofá. Mas pensei melhor. Não. Precisava de estar sozinha.

Nada daquilo era culpa minha. Não tinha de tomar qualquer medida. Precisava de me manter passiva e, por mais que isso me custasse, a minha ignorância era total.

Sentia-me tão ferida e irada quanto poderia. Ou, pelo menos, achei que sim. Revelações subsequentes provariam que estava errada.

Entrei na casa e tranquei a porta atrás de mim. Uma fechadura não impediria a entrada de um vampiro, claro, mas a ausência de um convite para entrar sim. O vampiro conseguiria manter afastados todos os humanos. Pelo menos, até ao amanhecer.

Vesti a minha velha camisa de dormir com mangas compridas em *nylon* azul e sentei-me à mesa da cozinha, fitando as mãos. Pensei onde estaria Bill naquele momento. Estaria algures no mundo ou seria um monte de cinzas nalgum buraco? Pensei no seu cabelo castanho-escuro, em como era senti-lo, espesso, sob os meus dedos. Ponderei o secretismo do seu regresso planeado. Após o que me pareceu um minuto ou dois, olhei o relógio sobre o fogão. Passara mais de uma hora sentada à mesa, olhando o vazio.

Devia ir para a cama. Era tarde, estava frio e dormir seria a coisa normal a fazer. Mas nada no meu futuro voltaria a ser normal. Esperem! Sem Bill, o meu futuro seria efectivamente normal.

Sem Bill. E, portanto, sem vampiros. Sem Eric, Pam ou Bubba.

Sem criaturas sobrenaturais. Sem lobisomens, metamorfos ou ménades. Também não os teria encontrado sem o meu envolvimento com Bill. Se ele nunca tivesse entrado no *Merlotte's*, limitar-me-ia a servir às mesas, ouvindo pensamentos indesejados dos que me rodeavam: a ganância mesquinha, a luxúria, a desilusão, as esperanças e as fantasias. Sookie louca, a telepata da cidadezinha de Bon Temps, no Loui-siana.

Fora virgem até conhecer Bill. Agora, o único sexo a que poderia aspirar seria com JB du Rone, que era tão belo que quase conseguiria ignorar o facto de ser estúpido como uma porta. Tinha tão poucos pensamentos que a sua companhia me era quase confortável. Podia mesmo tocar JB sem receber imagens desagradáveis. Mas Bill... Percebi que tinha a mão direita cerrada num punho e fi-lo embater sobre a mesa com tanta força que me provocou dores terríveis.

Bill dissera-me que, se algo lhe acontecesse, deveria «procurar» Eric. Não cheguei a perceber se me dizia que Eric asseguraria algum legado financeiro seu, que me protegeria de outros vampiros ou que passaria a ser a sua... Bom. Que passaria a ter com Eric o mesmo re-

lacionamento que tivera com Bill. Disse-lhe que não seria oferecida como um bolo de frutas pelo Natal.

Mas fora Eric a vir até mim e nem sequer teria hipótese de decidir se seguiria ou não o último conselho de Bill.

Perdi o rumo do pensamento. Também nunca fora um rumo claro.

«Oh, Bill. Onde estás?» Escondi a cara nas mãos.

Sentia a cabeça palpar de exaustão e até a minha cozinha acolhedora estava fria naquela hora adiantada. Ergui-me para ir para a cama, mesmo sabendo que não dormiria. Precisava de Bill com uma intensidade tão dilacerante que me questionei se, de alguma forma, aquilo seria anormal, se teria sido encantada por algum poder sobrenatural.

Mesmo que a minha capacidade telepática me tornasse imune ao encanto dos vampiros, talvez fosse vulnerável a outro poder? Ou talvez estivesse apenas a sentir a falta do único homem que alguma vez amara. Senti-me esventrada, vazia e traída. Senti-me pior do que quando a minha avó morrera, pior do que quando os meus pais se afogaram. Quando perdi os meus pais, era muito jovem e talvez não tivesse compreendido de imediato que tinham desaparecido para sempre. Era difícil recordar-me. Quando a minha avó morrera alguns meses antes, confortara-me o ritual que rodeia a morte no Sul.

E sabia que não me tinham abandonado por sua vontade.

Dei comigo atravessada na porta da cozinha. Apaguei a luz.

Quando me embrulhei nas cobertas da cama, comecei a chorar e não parei durante muito tempo. Não era noite em que pudesse contar as minhas bênçãos. Era uma noite em que cada perda que sofrera caía sobre mim. Parecia realmente que tivera sorte pior do que a que afecta a maioria das pessoas. Apesar de tentar debilmente afastar a torrente de autocomiseração, não tive grande sucesso. Estava entrelaçada com a mágoa de não conhecer o destino de Bill.

Quis que Bill se aninhasse contra as minhas costas. Quis sentir os seus lábios frios no pescoço. Quis que as suas mãos pálidas me percorressem o estômago. Quis conversar com ele. Quis que se risse das minhas suspeitas terríveis. Quis contar-lhe o meu dia, o problema estúpido que tinha com a companhia do gás e os novos canais que a empresa de televisão por cabo tinha acrescentado ao pacote. Quis recordar-lhe que precisava de substituir o ralo do lavatório da casa de banho, dizer-lhe que o meu irmão, Jason, soubera que, afinal, não ia ser pai (o que era bom, pois também não era marido).

A parte mais doce de integrar um casal era a partilha da nossa vida com outra pessoa.

Mas a minha vida, evidentemente, não fora suficientemente boa para partilhar.



3

Quando o sol nasceu, conseguira dormir meia hora. Pensei em levantar-me e fazer café, mas pareceu-me escusado. Deixei-me ficar na cama. O telefone tocou durante a manhã, mas não atendi. Tocaram à campainha, mas não abri.

Nalgum ponto, perto do meio da tarde, percebi que havia algo que tinha de fazer, a tarefa em que Bill insistira se houvesse algum atraso. A situação enquadrava-se perfeitamente no que me dissera.

Durmo no quarto maior, que pertencia antes à minha avó. Cambaleei pelo corredor até ao meu antigo quarto. Um par de meses antes, Bill arrancara o soalho do meu velho armário e transformara-o num alçapão. Construiu um buraco apertado para si por baixo do chão. Fizera um excelente trabalho.

Certifiquei-me de que não poderiam ver-me da janela antes de abrir o alçapão. No piso do armário não havia nada além do tapete, uma extensão da carpete que cobria o quarto. Depois de puxar o tapete, passei a lâmina de um canivete pela fresta e consegui erguer a cobertura. Espreitei a caixa escura em baixo. Estava cheia. O computador de Bill, uma caixa de discos, até mesmo o monitor e a impressora.

Então Bill previra que algo poderia acontecer e escondera o trabalho antes de partir. Depositara grande fé em mim, por mais que fosse desprovido de fé. Acenei afirmativamente e recoloquei o tapete no sítio, ajeitando-o cuidadosamente nos cantos. Cobri o chão do armário

com coisas fora de estação: caixas de sapatos com calçado de Verão, um saco de praia com toalhas e uma das minhas muitas bisnagas de loção bronzeadora e a cadeira dobrável que usava para apanhar sol. Encostei um grande guarda-sol ao canto e decidi que o armário parecia suficientemente realista. Os meus vestidos frescos estavam pendurados do varão, juntamente com alguns roupões de banho muito leves. O meu surto de energia dispersou-se quando percebi que concluíra a tarefa de que Bill me encarregara e que não tinha forma de lhe comunicar que satisfizera o seu desejo.

Metade de mim (de forma patética) queria dizer-lhe que mantivera a fé. E outra metade queria ir para a arrecadação afiar estacas de madeira.

Demasiado confusa para outro tipo de acção, rastejei de volta à cama e icei-me para cima do colchão. Abandonando uma vida inteira a tentar aproveitar da melhor forma o que me era dado e a ser forte, alegre e prática, voltei a deixar-me embalar pela mágoa e pelo avassalador sentimento de traição.

Quando acordei, a noite voltara a cair e Bill estava deitado a meu lado. Graças a Deus! Senti-me tão aliviada. Tudo ficaria bem. Senti o seu corpo frio atrás de mim e voltei-me, meio adormecida, rodeando-o com os braços. Ergueu a minha camisa de dormir de *nylon* e a sua mão acariciou-me a perna. Encostei a cabeça ao seu peito silencioso e afaguei-o. Os seus braços apertaram-me mais, pressionando-se firmemente contra mim e fazendo-me suspirar de alegria enquanto introduzia uma mão entre ambos para lhe desabotoar as calças. Tudo voltara ao normal.

Mas o seu cheiro era diferente.

Abri os olhos e empurrei os seus ombros sólidos como rocha. Não contive um guincho de horror.

- Sou eu — disse uma voz familiar.
- Eric, que fazes aqui?
- Aninho-me.
- Filho da mãe! Achei que eras o Bill! Achei que tinha regressado!
- Sookie, precisas de um banho.
- O quê?
- Tens o cabelo sujo e o teu hálito seria capaz de derrubar um cavalo.
- Não me importa a tua opinião — disse, secamente.
- Vai ajeitar-te.

— Porquê?

— Porque precisamos de conversar e parece-me que não queres ter uma longa conversa na cama. Não que me oponha a partilhar a cama contigo — pressionou-se contra mim para provar até que ponto ia a ausência de oposição. — Mas dar-me-ia maior gosto se estivesse com a Sookie higiênica que conheço.

Era possível que nada que pudesse dizer tivesse conseguido arrancar-me tão rapidamente à cama como aquilo. O duche quente foi maravilhoso no corpo frio e o meu temperamento ocupou-se de me aquecer por dentro. Não era a primeira vez que Eric me surpreendia em casa. Teria de anular o convite que lhe fizera para entrar. O que me impedira de tomar uma medida tão drástica antes (e o que me impedia naquele momento) era pensar que, se viesse a precisar de ajuda e ele não conseguisse entrar, poderia morrer antes de conseguir gritar: «Entra!»

Entrei na casa de banho levando as calças de ganga, a roupa interior e uma camisola natalícia vermelha e verde com uma rena, porque fora a primeira que encontrara na gaveta. Só temos um mês para usar as malditas coisas e aproveito-o ao máximo. Usei um secador no cabelo, desejando que Bill estivesse ali para mo pentear. Gostava realmente de o fazer e eu gostava de o deixar fazê-lo. Recordando essa imagem mental, quase me deixei abater novamente, mas encostei a cabeça à parede durante um longo momento enquanto recuperava a compostura. Inspirei profundamente, voltei-me para o espelho e apliquei maquilhagem. Não restava grande coisa do meu bronzeado a meio da época fria, mas mantinha uma cor agradável, graças ao solário do *Clube de Vídeo de Bon Temps*.

Sou uma pessoa do Verão. Gosto do sol, de vestidos curtos e de ter muitas horas de luz para fazer o que me apetece. Até Bill adorava os cheiros do Verão. Adorava quando cheirava a loção solar e (dizia-me) o próprio sol na minha pele.

Mas a maior vantagem do Inverno era que as noites eram muito mais longas. Pelo menos, era o que pensava quando Bill estivera por perto para as partilhar comigo. Lancei a escova para o outro lado da casa de banho. Produziu um ruído satisfatório e ricocheteou na banheira.

— Sacana! — gritei, tão alto quando os meus pulmões permitiam. Ouvir-me dizer tal coisa em voz alta acalmou-me como mais nada conseguiria.

Quando saí da casa de banho, Eric estava completamente vestido. Envergava uma camisola de manga curta oferecida por uma das marcas de cerveja que abasteciam o *Fangtasia* (dizia: «Este Sangue é para Ti.») e calças de ganga azuis. Dera-se ao trabalho de fazer a cama.

— A Pam e o Chow podem entrar? — perguntou.

Atravessei a sala até à porta dianteira e abri-a. Os dois vampiros estavam sentados em silêncio no balouço do alpendre. Estavam no seu estado desligado. Quando os vampiros não têm nada que fazer, é como se ficassem vazios, retirando-se para dentro, permanecendo sentados ou de pé completamente imóveis, com olhos abertos mas sem expressão. Parecia refrescá-los.

— Entrem, por favor — disse.

Pam e Chow entraram, lentamente, olhando em redor com interesse, como se entrassem numa atracção turística. Casa rural do Louisiana, princípios do século XIX. A casa pertencera à nossa família desde a construção, mais de cento e sessenta anos antes. Quando Jason, o meu irmão, decidira viver sozinho, mudara-se para a casa que os meus pais tinham construído quando se casaram. Eu fiquei ali, com a avó, naquela casa muito alterada e renovada. E ela deixara-ma no seu testamento.

A sala correspondia à totalidade da casa original. Os acréscimos, como a cozinha moderna ou as casas de banho, eram relativamente novos. O piso superior, muito mais pequeno do que o rés-do-chão, fora acrescentado no início do século XX para acomodar uma geração de crianças sobreviventes. Deixara de subir com frequência. Era horrivelmente quente no Verão, mesmo com o ar condicionado.

Todo o mobiliário que possuía era antigo, desprovido de estilo e confortável. Absolutamente convencional. A sala tinha sofás e cadeiras, uma televisão e um gravador de vídeo. Daí, passava-se a um corredor ladeado, por um lado, pelo meu grande quarto com a sua casa de banho privativa ao lado e, pelo outro, por uma casa de banho no corredor e pelo meu antigo quarto, juntamente com alguns armários (para lençóis e casacos). Por essa passagem, alcançava-se a cozinha/sala de jantar, acrescentada pouco após o casamento dos meus avós. Depois da cozinha, havia um grande alpendre coberto com vista para as traseiras, que acabara de mandar fechar. No alpendre havia um velho banco muito útil, as máquinas de lavar e secar e um monte de prateleiras.

Havia uma ventoinha no tecto de cada divisão e também um mata-moscas, pendurado de um minúsculo prego em local discreto. A avó não ligava a refrigeração a não ser que fosse absolutamente necessário.

Não subiram ao primeiro andar, mas nenhum pormenor do piso inferior escapou a Pam e a Chow.

Quando se instalaram em redor da velha mesa de pinho onde os Stackhouse tinham comido durante algumas gerações, senti que vivia num museu cujo conteúdo acabara de ser catalogado. Abri o frigorífico e retirei três garrafas de *TrueBlood*, aquecendo-as no microondas e abanando-as com vigor antes de as pousar sobre a mesa à frente dos meus convidados.

Chow continuava a ser praticamente um estranho. Trabalhava no *Fangtasia* apenas há alguns meses. Presumi que tivesse comprado uma quota do estabelecimento, como sucedera com o anterior empregado de bar. Tinha tatuagens espantosas, do tipo asiático azul-escuro, tão intrincado como um traje de fantasia. Era tão diferentes dos ornamentos de tipo prisional do meu atacante que era difícil conceber que pertencessem à mesma forma de expressão artística. Fora-me dito que as de Chow eram tatuagens da Yakuza, mas nunca tivera coragem para lhe perguntar, sobretudo porque não me dizia respeito. No entanto, se fossem realmente tatuagens da Yakuza, Chow não seria muito velho para um vampiro. Pesquisara a Yakuza e as tatuagens eram uma prática (relativamente) recente no longo historial dessa organização criminosa. Chow tinha cabelo preto longo (sem surpresas) e ouvira de muitas fontes que era um dos principais motivos de atracção do *Fangtasia*. Na maioria das noites, trabalhava sem camisa. Naquela noite, como concessão ao frio, usava um colete vermelho com o fecho corrido.

Não consegui evitar pensar se alguma vez se sentiria nu, tendo o corpo tão ricamente decorado. Desejei poder perguntar-lhe, mas, obviamente, isso estaria fora de questão. Era o único asiático que alguma vez conhecera e, por mais que soubesse que os indivíduos não representam toda a sua raça, esperava que pelo menos algumas das generalizações fossem válidas. Chow parecia valorizar grandemente a privacidade. Mas, longe de se manter silencioso e insondável, conversava animadamente com Pam, apesar de o fazer numa língua que eu não compreendia. E sorria-me de forma desconcertante. Muito bem. Talvez estivesse muito longe de ser insondável. Era possível que me endereçasse os piores insultos que conhecia e eu não tinha forma de o perceber.

Como sempre, Pam vestia roupas que podiam ser descritas como pertencentes a um estilo de classe média anónima. Naquela noite, o conjunto era composto por calças brancas e camisola azul. O cabelo louro reluzia e trazia-o solto, caindo pelas costas. Assemelhava-se a uma Alice no País das Maravilhas com caninos longos.

— Descobriram mais alguma coisa sobre o Bill? — perguntei, depois de todos terem bebido um primeiro trago das garrafas.

Eric respondeu:

— Pouco.

Uni as mãos no colo e esperei.

— Sei que o Bill foi raptado — disse, fazendo-me sentir por um segundo que a sala rodopiava em torno da minha cabeça. Inspirei profundamente para que parasse.

— Foi quem? — A gramática era a menor das minhas preocupações.

— Não temos a certeza — disse-me Chow. — As testemunhas não concordam. — O seu inglês tinha sotaque, mas era muito claro.

— Deixem-me tentar — disse. — Se forem humanas, hei-de descobrir.

— Se estivessem sob nosso controlo, esse seria o procedimento lógico — concordou Eric, cordialmente. — Mas, infelizmente, não é esse o caso.

Controlo, uma ova.

— Explica, por favor. — Estava segura de revelar uma paciência extraordinária, tendo em consideração as circunstâncias.

— Estes humanos juraram lealdade ao rei do Mississípi.

Soube que a minha boca se escancarava, mas parecia incapaz de o impedir.

— Desculpem — disse, após um longo momento —, mas seria capaz de jurar que disseste... rei? Do Mississípi?

Eric acenou afirmativamente, sem qualquer indício de sorriso.

Baixei o olhar, tentando manter uma expressão neutra. Mesmo assim, era impossível. Sentia a boca contorcer-se.

— A sério? — perguntei, impotente. Não percebia porque me parecia mais engraçado que o Mississípi tivesse um rei (afinal, o Louisiana tinha uma rainha), mas era um facto. Recordei que não era suposto saber da existência da rainha. Certo.

Os vampiros entreolharam-se. Acenaram com a cabeça em unísono.

— E tu és o rei do Louisiana? — perguntei a Eric, zonga pelo

esforço mental para manter ordenadas histórias múltiplas. Comecei a rir com tamanha intensidade que quase não consegui manter-me direita na cadeira. Era possível que fosse um princípio de histeria.

— Não — respondeu. — Sou o xerife da Área 5.

Ouvir aquilo foi demais. Senti as lágrimas correrem pela face abaixo e Chow parecia incomodado. Ergui-me, preparei um chocolate quente *Swiss Miss* no microondas e mexi-o com uma colher para o arrefecer. Desempenhar aquela tarefa insignificante acalmou-me, quando regresssei à mesa, estava quase controlada.

— Nunca me contaste isto — disse, em jeito de explicação. — Dividiram a América em reinos. É isso?

Pam e Chow olharam Eric, revelando alguma surpresa, mas o seu olhar não foi retribuído.

— Sim — foi a resposta. — É assim desde que os vampiros vieram para esta terra. Claro que, com os anos, o sistema mudou com as alterações na população. Havia muito menos vampiros na América durante os primeiros duzentos anos porque a viagem era muito perigosa. Era difícil suportar a duração da viagem com o sangue disponível. — Referia-se ao sangue da tripulação, claro. — E a Compra do Louisiana fez uma grande diferença.

Claro que sim. Abafei outra torrente de risinhos.

— E os reinos dividem-se em...?

— Áreas. Antes, chamavam-se senhorios até decidirmos que era demasiado antiquado. Cada área é controlada por um xerife. Como sabes, vivemos na Área 5 do reino do Louisiana. O Stan, que visitaste em Dallas, é o xerife da Área 6 do reino do... no Texas.

Imaginei Eric como o Xerife de Nottingham e, quando isso perdeu o potencial cómico, como Wyatt Earp. Era inegável que me sentia um pouco aérea. E, fisicamente, sentia-me bastante mal. Obriguei-me a controlar a reacção àquela informação para me conseguir concentrar no problema mais premente.

— Então presumo que o Bill tenha sido raptado durante o dia. Estou certa?

Acenos afirmativos múltiplos em redor.

— O rapto foi testemunhado por alguns humanos que residem no reino do Mississippi. — Adorava dizê-lo. — E são controlados por um rei vampiro?

— Russell Edgington. Sim, vivem no seu reino, mas alguns facultar-me-ão informação. Por um preço.

- Esse rei não permitirá que os interroguem?
- Ainda não o sondámos a esse respeito. É possível que Bill tenha sido levado por ordem sua.
- Aquela possibilidade levantava uma série de questões novas, mas forcei-me a manter a concentração.
- Como posso chegar até eles? Supondo que decido que quero fazê-lo.
- Pensámos numa forma de poderes recolher informação dos humanos na área onde o Bill desapareceu — disse Eric. — Não apenas de gente que subornei para me manterem informado, mas de todos os que têm ligações com Russell. É arriscado. Só funcionará se partilhar contigo o que sei. E poderás não estar disposta. Já foste atacada uma vez. Aparentemente, quem levou o Bill não terá ainda grande informação a teu respeito. Mas, em breve, o Bill acabará por falar. Se estiveres por perto quando quebrar, chegarão até ti.
- Se acontecer, já não precisarão de mim — referi. — Se já tiver quebrado.
- Não é necessariamente verdade — disse Pam. Repetiram a troca de olhares enigmáticos.
- Contem-me a história toda — pedi. Notei que Chow esvaziara a garrafa de sangue e ergui-me para lhe trazer mais.
- De acordo com a gente de Russell Edgington, Betty Joe Pickard, o seu braço direito, deveria embarcar num voo para St. Louis ontem. Os humanos responsáveis pelo transporte do seu caixão para o aeroporto, levaram o caixão idêntico do Bill por engano. Quando entregaram o caixão aos serviços da *Anubis Airlines*, deixaram-no sem vigilância durante talvez dez minutos enquanto preenchiam os formulários. Durante esse tempo, dizem que alguém fez deslizar o caixão, instalado sobre uma espécie de maca, pela saída traseira do hangar, colocando-o numa carrinha e partindo.
- Alguém capaz de ultrapassar a segurança da *Anubis Airlines* — acrescentei, com profunda dúvida na voz. A companhia aérea fora fundada para transportar vampiros em segurança, tanto de dia como de noite, e a sua garantia de segurança reforçada para guardar os caixões de vampiros adormecidos era a sua maior aposta para atrair clientes. Claro que os vampiros não precisam de dormir em caixões, mas é mais fácil transportá-los dessa forma. Houvera «acidentes» lamentáveis com vampiros que tentaram voar na *Delta*. Um fanático conseguiu chegar ao porão da bagagem e abriu alguns caixões à machadada. Com a *Nor-*

thwest sucedera o mesmo. Subitamente, poupar dinheiro deixou de parecer importante para os não-mortos, passando estes a viajar quase exclusivamente na *Anubis*.

— Penso que alguém poderá ter-se misturado com a gente de Edgington, alguém que os funcionários da *Anubis* julgaram pertencer ao mesmo grupo e que os colaboradores de Edgington julgaram pertencer à equipa da *Anubis*. Poderia ter sido essa pessoa a levar Bill quando os associados vampíricos partiram e os guardas não suspeitariam de nada.

— Os funcionários da *Anubis* não pediriam para ver os papéis de um caixão levado?

— Garantem que viram os papéis de Betty Joe Pickard. Ia a caminho do Missouri para negociar um acordo comercial com os vampiros de St. Louis. — Por um momento, pensei no que os vampiros do Mississippi poderiam negociar com os vampiros do Missouri e decidi que preferia não saber.

— Além disso, houve também outro elemento gerador de confusão no momento — disse Pam. — Houve um incêndio na cauda de outro avião da *Anubis* e os guardas deixaram-se distrair.

— Um acidente propositado.

— Penso que sim — confirmou Chow.

— Porque quereria alguém raptar o Bill? — perguntei. Receava conhecer a resposta. Esperava que me facultassem outro motivo. Felizmente, Bill preparara-se para aquela possibilidade.

— O Bill trabalhava numa missão especial — disse Eric, mantendo os olhos em mim. — Sabes alguma coisa a esse respeito?

Mais do que queria. Menos do que devia.

— Que missão? — retorqui. Passara a vida inteira escondendo o que pensava e apliquei esse talento ao máximo. Essa mesma vida dependia da minha aparência de sinceridade.

O olhar de Eric passou para Pam e Chow. Os dois esboçaram-lhe um sinal quase imperceptível. Voltou a olhar-me e disse:

— É um pouco difícil de acreditar, Sookie.

— Porquê? — perguntei, deixando a raiva transparecer na voz. Em caso de dúvida, a melhor defesa era o ataque. — Quando é que um de vocês se abriu com um humano? E não há dúvidas de que o Bill é um de vocês. — Coloquei naquelas palavras a fúria que consegui invocar.

Repetiram a breve troca de olhares.

— Julgas que acreditaremos que o Bill não te contou em que trabalhava?

— Sim, julgo que acreditarão. Porque não o fez. — De qualquer forma, quase o percebera sozinha.

— Explico-te o que farei — disse Eric, por fim. Olhou-me do lado oposto da mesa. Os seus olhos azuis eram duros como berlinde e igualmente calorosos. Acabara-se o vampiro simpático. — Não consigo perceber se mentes ou não, o que é notável. Para teu bem, espero que me digas a verdade. Poderia torturar-te até parares de mentir ou até ter a certeza de que dizias a verdade desde o início.

Bolas. Inspirei fundo, expirei e tentei recordar a oração adequada. «Senhor, não permitais que berre demasiado alto» parecia demasiado débil e negativo. Além disso, não havia ninguém para me ouvir além dos vampiros, por mais que forçasse a garganta. Quando o momento chegasse, seria melhor deixar que acontecesse.

— Mas — continuou Eric, pensando no assunto — isso poderá afectar-te demasiado para a outra parte do meu plano. E não faz realmente grande diferença que saibas ou não o que o Bill tem feito sem o nosso conhecimento.

Sem o seu conhecimento? Ai. Passava a saber quem deveria culpar pelo apuro em que me encontrava. Ao meu amado Bill Compton.

— Isso provocou uma reacção — referiu Pam.

— Mas não a que esperava — disse Eric, lentamente.

— A hipótese de tortura não me agrada muito. — A gravidade da situação era tamanha que nem sequer conseguia somar os elementos e a tensão era tão intensa que senti que a minha cabeça flutuava algures sobre o corpo. — E sinto saudades do Bill. — Mesmo que, naquele momento, me agradasse muito pontapeá-lo no traseiro, era verdade que sentia a sua falta. E, se me fossem permitidos dez minutos de conversa com ele, ficaria muito melhor preparada para enfrentar os dias que viriam. Senti as lágrimas pela face abaixo. Mas havia mais. Tinha de ouvir mais ainda, quer quisesse ou não. — Espero que me expliquem porque mentiu sobre esta viagem, se souberem. Pam referiu más notícias.

Eric olhou Pam, sem qualquer afecto no olhar.

— Está outra vez com uma fuga — referiu Pam, soando ligeiramente desconfortável. — Acho que deveria saber a verdade antes de ir ao Mississippi. Além disso, se tem guardado os segredos do Bill, isto irá...

Obrigá-la a contar tudo? Alterar a sua lealdade? Forçá-la a perceber que tem de nos contar?

Era óbvio que Chow e Eric eram favoráveis a manter-me na ignorância e que lhes desagradava profundamente que Pam me sugerisse que, apesar de, supostamente, não o saber, nem tudo estaria bem entre Bill e eu. Olharam-na os dois atentamente por um longo minuto e Eric acenou bruscamente com a cabeça.

— Tu e o Chow esperam lá fora — disse a Pam. Esta olhou-o com intensidade e saíram os dois, deixando as garrafas vazias sobre a mesa. Nem um agradecimento pelo sangue. Nem sequer passaram as garrafas por água. Tinha a cabeça cada vez mais leve enquanto pensava na péssima etiqueta dos vampiros. Senti as pálpebras pesadas e ocorreu-me que estava prestes a desmaiar. Não era uma rapariga frágil, capaz de tombar por qualquer insignificância, mas sentia que se tornara justificado. Além disso, apercebia-me vagamente de que não comia há mais de vinte e quatro horas.

— Não o faças — disse Eric. Parecia determinado. Tentei concentrar-me na sua voz e olhei-o.

Acenei com a cabeça para indicar que dava o meu melhor.

Passou para o meu lado da mesa, voltou a cadeira que Pam ocupara até ficar virada para mim e muito próxima. Sentou-se e inclinou-se, cobrindo a mão que mantinha no colo com a sua mão grande e branca. Se a fechasse, esmagar-me-ia os dedos. Não voltaria a trabalhar como empregada.

— Não me agrada ver-te recear-me — disse, com a face demasiado próxima da minha. Conseguia cheirar a sua água-de-colónia. Achei que era *Ulysse*. — Sempre gostei de ti.

Sempre gostara da possibilidade de dormir comigo.

— Além disso, quero foder-te. — Sorriu, mas, naquele momento, isso não provocou em mim nenhum efeito. — Quando nos beijamos... é muito excitante. — Poderia dizer que nos tínhamos beijado no cumprimento do dever e não por motivos recreativos. Mas fora realmente excitante. Porque não? Era belíssimo e tivera várias centenas de anos para aprimorar a sua técnica de beijo.

Eric aproximou-se mais e mais. Não percebia se pretendia morder-me ou beijar-me. Os caninos estavam longos. Estava irado, excitado, faminto ou as três coisas ao mesmo tempo. Era frequente que os vampiros recentes falassem de forma alterada até se habituarem aos caninos. Com Eric, isso nem sequer era perceptível. Tivera séculos para aperfeiçoar também essa técnica.

— Estranhamente, a ameaça de tortura não me fez sentir muito sensual — disse-lhe.

— Mas agradou ao Chow — sussurrou-me ao ouvido.

Não tremia, mas devia tremer.

— Podes ir directo ao assunto? — perguntei. — Vais torturar-me ou não? És meu amigo ou inimigo? Vais procurar o Bill ou deixá-lo apodrecer?

Eric riu-se. A gargalhada foi breve e desprovida de humor, mas era melhor do que a proximidade, pelo menos naquele momento.

— Sookie, és demais — disse, mas não como se achasse isso particularmente encantador. — Não te vou torturar. Por um lado, não me agradaria estragar pele tão bela. Um dia, vê-la-ei na totalidade.

Esperei que a pele continuasse no meu corpo quando isso acontecesse.

— Não continuarás a recear-me para sempre — disse, como se não tivesse quaisquer dúvidas acerca do futuro. — E nem sempre serás tão dedicada ao Bill como és agora. Há algo que devo dizer-te.

Ali vinha o momento da verdade. Os seus dedos frios entrelaçaram-se nos meus e, contra minha vontade, segurei-lhe a mão com força. Não conseguia pensar numa palavra para dizer. Pelo menos, numa palavra que fosse segura. Os meus olhos permaneciam fixos nos seus.

— O Bill foi convocado ao Mississípi — disse-me Eric — por uma vampira que conheceu há muitos anos. Não sei se já percebeste que os vampiros quase nunca acasalam entre si durante mais do que uma rara noite isolada. Não o fazemos porque nos confere poder eterno sobre o outro pelo acasalamento e pela partilha de sangue. Esta vampira...

— Como se chama? — perguntei.

— Lorena — respondeu, com relutância. Ou talvez sempre tivesse desejado dizer-me e a relutância fosse apenas de fachada. Era impossível perceber com um vampiro.

Esperou para ver se voltaria a falar, mas não o fiz.

— Estava no Mississípi. Não sei se vive lá habitualmente ou se lá foi para aliciar o Bill. Sei que viveu em Seattle porque aí passaram muitos anos juntos.

Pensei porque teria escolhido Seattle como destino fictício. Não se limitara a escolher uma cidade ao acaso.

— Seja qual for a sua intenção ao pedir-lhe para se encontrar com

ela... independentemente da desculpa que tiver dado para não vir até aqui... talvez o Bill se limitasse a ser cauteloso para teu bem...

Quis morrer. Inspirei fundo e olhei as nossas mãos unidas. Sentia-me demasiado humilhada para olhar Eric nos olhos.

— Ficou... deixou-se cativar imediatamente por ela. Outra vez. Após algumas noites, ligou à Pam para dizer que voltaria a casa mais cedo sem te avisar para poder assegurar o teu cuidado futuro antes que te voltasse a ver.

— Cuidado futuro? — Repeti as suas palavras como um papagaio.

— O Bill queria assegurar o teu conforto financeiro.

O choque fez-me empalidecer.

— Queria dar-me uma pensão — disse, sentindo-me dormente. Não importava que a intenção tivesse sido boa, Bill não poderia ter feito algo que me ofendesse mais. Quando fizera parte da minha vida, nunca lhe ocorrera perguntar-me pela minha situação financeira, apesar de não perder tempo a ajudar os Bellefleur, seus descendentes recém-descobertos.

Mas, quando quis deixar-me e se sentiu culpado por deixar esta criatura miserável e digna de pena, começou a preocupar-se.

— Quis... — começou Eric, hesitando e observando-me a face de perto. — Deixemos o assunto assim por agora. Não te teria contado nada disto se a Pam não tivesse interferido. Teria permitido que partisses, ignorante, porque, dessa forma, as palavras que tanto te magoaram não teriam saído da minha boca. E não seria forçado a implorar-te, como implorarei.

Forcei-me a ouvir. Segurei a mão de Eric como se a minha vida dependesse disso.

— O que farei... e tens de compreender, Sookie, que o meu couro também está em risco...

Olhei-o fixamente, fazendo-o ver a minha expressão de surpresa.

— Sim. A minha posição e também a minha vida, Sookie. Não apenas a tua e a do Bill. Envio-te um contacto amanhã. Vive em Shreveport, mas tem um apartamento em Jackson. Tem amigos na comunidade sobrenatural local. Vampiros, metamorfos e lobisomens. Através dele, poderás conhecer alguns e os seus empregadores humanos.

Deixara de estar no controlo completo das minhas capacidades, mas, tentando recordar-me, senti que tinha compreendido tudo aquilo. Por isso, acenei afirmativamente. Os seus dedos acariciaram os meus uma e outra vez.

— Este sujeito é um lobisomem — disse Eric, não aparentando grande preocupação. — Isso quer dizer que é escumalha. Mas é mais fiável do que os outros e deve-me um grande favor.

Absorvi o que dizia, tornando a acenar. Os longos dedos de Eric pareceram quase quentes.

— Vai guiar-te pela comunidade vampírica de Jackson e poderás recolher informações na mente dos empregados humanos. Sei que é uma possibilidade remota, mas, se houver algo a descobrir, se foi Russell Edgington a raptar o Bill, poderás conseguir uma pista. O homem que tentou raptar-te era de Jackson, de acordo com as contas que trazia no carro. E era um lobisomem, como indicava a cabeça de lobo no seu colete. Desconheço porque vieram atrás de ti. Mas suspeito que isso signifique que o Bill está vivo e que quiseram capturar-te para o pressionar.

— Talvez fosse melhor raptarem a Lorena — disse.

Eric arregalou os olhos, avaliando as minhas palavras.

— Talvez já a tenham — continuou. — Mas talvez o Bill tenha percebido que foi Lorena a traí-lo. Não teria sido levado se ela não tivesse revelado o segredo que lhe confiou.

Mastiguei aquilo, uma e outra vez.

— Outro enigma será compreender porque veio ela até lá — disse Eric. — Penso que saberia se fosse um membro regular do grupo do Mississippi. Mas pensarei nesse assunto no meu tempo livre. — Pela sua expressão severa, Eric dedicara já actividade cerebral considerável àquela questão. — Se este plano não funcionar dentro de três dias, Sookie, poderá ser necessário que raptemos um vampiro do Mississippi como represália. Tal acto conduziria certamente a uma guerra. E uma guerra, mesmo contra o Mississippi, teria custos elevados em vidas e dinheiro. Além disso, no fim de tudo, acabariam por matar o Bill de igual modo.

Muito bem. O peso do mundo repousava sobre os meus ombros. Obrigada, Eric. Precisava ainda mais de responsabilidade e pressão.

— Mas quero que saibas isto: se tiverem o Bill e se continuar vivo... conseguiremos resgatá-lo. E voltarão a estar juntos. Se for esse o teu desejo.

Uma possibilidade remota.

— Em resposta à tua questão, sou teu amigo e isso durará tanto tempo quanto seja possível sem arriscar a minha vida. Ou o futuro da minha área.

Aquilo deixava tudo bem definido. Senti-me agradecida pela sua honestidade.

— Queres dizer que durará enquanto te for conveniente — disse-lhe, com calma, sendo injusta e não correspondendo à verdade. No entanto, estranhei que a minha caracterização da sua atitude parecesse incomodá-lo. — Deixa-me fazer-te uma pergunta, Eric.

Ergueu as sobrancelhas para indicar que esperava. As mãos subiram pelos meus braços acima, como se não pensasse no que fazia. O movimento fez-me lembrar um homem que aquecesse as mãos numa fogueira.

— Se compreendo bem o que dizes, o Bill ocupava-se de uma missão para a... — Senti erguer-se um pequeno impulso de riso e suprimi-o de forma implacável. — Para a rainha do Louisiana — concluí. — Mas não sabias que o fazia. Estou certa?

Eric fitou-me durante um longo momento enquanto pensava no que me diria.

— Ela contou-me que tinha trabalho para o Bill — disse. — Mas não disse o que era ou porque tinha de ser ele a fazê-lo. Ou quando estaria concluído.

Incomodaria quase todos os líderes ver um subalterno seu recrutado daquela forma. Sobretudo se o líder fosse mantido na ignorância.

— Então porque não anda essa rainha à procura do Bill? — perguntei, mantendo um tom de voz cuidadosamente neutro.

— Não sabe que desapareceu.

— Porquê?

— Não lhe dissemos.

Mais cedo ou mais tarde, deixaria de me responder.

— Porque não?

— Castigar-nos-ia.

— Porquê? — Começava a parecer uma criança de dois anos.

— Por termos permitido que acontecesse algo ao Bill quando se ocupava de uma missão especial que lhe confiara.

— O que seria o castigo?

— Com ela, é difícil dizer. — Ouvi-lhe um riso engasgado. — Algo muito desagradável.

Eric estava ainda mais próximo e a sua face quase tocava o meu cabelo. Inspirava, com grande delicadeza. Os vampiros servem-se mais do olfacto e da audição do que da vista, mesmo que a sua visão seja incrivelmente poderosa. Eric provara o meu sangue e isso per-

mitia-lhe maior conhecimento das minhas emoções do que a outro vampiro. Todos eram estudiosos do sistema emocional humano porque os predadores de maior sucesso são os que conhecem os hábitos das suas presas.

A face de Eric roçou a minha. Era como um gato que se deleitasse com o prazer do contacto.

— Eric. — Dera-me mais informação do que julgava.

— Hmm?

— A sério. O que vos fará a rainha se não conseguirem encontrar o Bill na data em que a sua missão deveria estar concluída?

A minha pergunta obteve o resultado desejado. Eric afastou-se de mim e olhou-me com olhos mais azuis e duros que os meus e mais frios que a vastidão do Ártico.

— Sookie, acredita em mim quando digo que não queres saber — respondeu. — Recuperar o trabalho que fazia seria suficientemente bom. A presença real de Bill seria um bónus.

Retribui-lhe o olhar com olhos quase tão frios como os seus.

— E que obterei em troca por vos fazer este favor? — perguntei.

Eric conseguiu parecer surpreso e agradado em simultâneo.

— Se a Pam não tivesse feito insinuações acerca do Bill, o seu regresso seguro teria sido suficiente e não hesitarias em ajudar — recordou-me.

— Mas agora já sei o que se passa com Lorena.

— E, sabendo-o, concordas em fazê-lo?

— Sim. Com uma condição.

Eric pareceu fatigado.

— Que condição seria? — perguntou.

— Se algo me acontecer, quero que a elimines.

Fitou-me por um segundo inteiro antes de soltar uma gargalhada trovejante.

— Teria de pagar uma multa enorme — disse, quando se acalmou. — E, em primeiro lugar, teria de conseguir fazê-lo. É mais fácil dizê-lo que fazê-lo. Tem trezentos anos.

— Disseste-me que o que te acontecerá se isto fracassar será bastante horrível — recordei.

— É verdade.

— Disseste-me que precisas desesperadamente que faça isto por ti.

— É verdade.

— É isto que peço em troca.

— Talvez desses uma vampira aceitável, Sookie — disse Eric, por fim. — Muito bem. Aceito. Se algo te acontecer, ela não voltará a foder o Bill.

— Não é apenas isso.

— Não? — Eric pareceu muito céptico, tanto quanto lhe era possível.

— É porque o traiu.

O olhar duro de Eric encontrou o meu.

— Diz-me, Sookie. Pedir-me-ias o mesmo se fosse humana? — A sua boca ampla e de lábios pálidos, que tantas vezes parecia divertida, reduzia-se a uma linha de seriedade plena.

— Se fosse humana, eu própria me encarregaria dela — respondi, erguendo-me para o acompanhar até à porta.

Depois de Eric partir no seu carro, apoiei-me contra a porta e encostei a cara à madeira. Fora sincera no que lhe tinha dito? Pensara durante muito tempo se era realmente uma pessoa civilizada, tentando sempre sê-lo. Soube que, no momento em que dissera que me ocuparia de Lorena, fora sincera. Havia algo incrivelmente selvagem dentro de mim, algo que sempre controlara. A minha avó não me educara para ser uma assassina.

Percorrendo o corredor até ao quarto, percebi que o meu temperamento se mostrava com maior frequência nos últimos tempos. Desde que conhecera os vampiros.

Não conseguia perceber o motivo. Esforçavam-se por manter o controlo. Porque perderia eu a capacidade de me controlar?

Mas bastava de introspecção por uma noite.

Precisava de pensar no dia seguinte.



4

Parecendo certo que sairia da cidade, havia roupa a lavar e coisas no frigorífico a precisar de ir para o lixo. Não sentia grande sono depois de passar tanto tempo na cama no dia e noite anteriores. Por isso, fui buscar a mala, abri-a e coloquei algumas peças de roupa na máquina de lavar no alpendre traseiro gelado. Não queria continuar a pensar no meu comportamento. Tinha muitos outros elementos a merecer reflexão.

Eric adoptara uma abordagem bombástica para me vergar à sua vontade. Bombardeara-me com muitos motivos para fazer o que queria que fizesse: intimidação, ameaça, sedução, um apelo pelo regresso de Bill, um apelo pela sua vida e/ou bem-estar (e também pelas vidas de Pam e Chow), além da salvaguarda da minha própria integridade física. «Poderei ser forçado a torturar-te, mas quero dormir contigo. Preciso do Bill, mas estou furioso com ele por me ter enganado. Preciso de manter a paz com Russell Edgington, mas tenho de lhe resgatar o Bill. O Bill é meu servo, mas trabalha em segredo para a minha patroa.»

Malditos vampiros. Podem ver porque me agrada que o seu poder de encanto não funcione em mim. É um dos poucos efeitos secundários positivos da minha capacidade para ler mentes. Infelizmente, os humanos com talentos psíquicos são muito apelativos para os não-mortos.

Não podia ter previsto nada disso quando me envolvi com Bill. Tornara-se para mim algo de tão necessário como a água. E não inteiramente devido à intensidade dos sentimentos que nutria por ele ou ao prazer que obtinha quando fazíamos amor. Bill era a minha única garantia de que não seria dominada por outro vampiro contra a minha vontade.

Depois de algumas cargas de roupa passadas pelas máquinas de lavar e secar e posteriormente dobradas, senti-me muito mais descontraída. A mala estava quase pronta e levaria também um par de romances e um policial para a eventualidade de ter algum tempo para ler. Eduquei-me sozinha com livros de gênero.

Espreguei-me e bocejei. A existência de um plano conferia uma certa paz de espírito e o meu sono agitado do dia e noite anteriores não me refrescara tanto quanto pensei. Voltaria a adormecer com facilidade.

Enquanto lavava os dentes e me deitava, pensei que, mesmo sem ajuda dos vampiros, talvez conseguisse encontrar Bill. Mas libertá-lo da prisão onde se encontrava e conseguir escapar era outra questão. Depois disso, teria ainda de decidir o que fazer ao nosso relacionamento.

Acordei por volta das quatro da manhã com a sensação estranha de haver uma ideia à espera de reconhecimento. Durante a noite, algo me ocorrera. Era o tipo de ideia que sabemos que passou muito tempo às voltas na cabeça, fervilhando e esperando transbordar.

E, sem dúvida, a ideia ressurgiu à superfície um minuto depois. E se Bill não tivesse sido raptado, mas tivesse desertado? E se a sua paixão e apego por Lorena fossem de tal ordem que decidira abandonar os vampiros do Louisiana, juntando-se ao grupo do Mississípi? De imediato, duvidei que tivesse sido esse o seu plano. Seria um plano muito elaborado, com os informadores a comunicarem a Eric o rapto de Bill e a presença confirmada de Lorena no Mississípi. Certamente, existiria uma forma menos dramática e mais simples de conseguir desaparecer.

Pensei se Eric, Chow e Pam revistariam a casa de Bill, que se situava do lado oposto do cemitério. Não encontrariam aquilo que procuravam. Talvez tivessem regressado ali. Não teriam de resgatar Bill se conseguissem encontrar os ficheiros informáticos que a rainha desejava com tanta urgência. Adormeci exausta, julgando ouvir Chow rir-se lá fora.

Saber da traição de Bill não me impediu de o procurar em sonhos. Devo ter-me virado umas três vezes, estendendo o braço para

verificar se se tinha deitado a meu lado, como fazia com frequência. E, de cada vez, o outro lado da cama estava vazio e frio.

No entanto, isso era melhor do que encontrar Eric ali deitado.

Com a primeira luz do dia, levantei-me e tomei banho. Preparara café quando ouvi uma batida na porta da frente.

— Quem é? — perguntei, colocando-me ao lado da porta.

— Fui enviado pelo Eric — respondeu uma voz rouca.

Abri a porta e olhei para cima.

Era enorme. Tinha olhos verdes. O cabelo revolto era encaracolado, espesso e negro como breu. O seu cérebro vibrava e pulsava com energia. Com uma espécie de aura vermelha. Lobisomem.

— Entra. Queres café?

O que tinha diante de si não correspondia ao que esperara.

— Sim, *chère*. Tens ovos? E talvez uma salsicha?

— Claro. — Levei-o à cozinha. — Chamo-me Sookie Stackhouse — disse, olhando-o sobre o ombro. Curvei-me para retirar os ovos do frigorífico. — E tu?

— Alcide — respondeu, engolindo a última sílaba. — Alcide Herveaux.

Observou-me atentamente enquanto pegava na frigideira, a velha frigideira de ferro enegrecido da minha avó. Comprara-a quando se casou e usara-a como qualquer mulher habituada à cozinha. Tornara-se perfeitamente domada. Acendi o bico de gás do fogão. Comecei por fritar a salsicha (para extrair a gordura), coloquei-a sobre uma folha de papel absorvente sobre um prato e fechei-a no forno para se manter quente. Depois de perguntar a Alcide como queria os ovos, mexi-os e deixei-os cozinhar rapidamente, colocando-os também no prato morno. Vi-o abrir uma gaveta e encontrar os talheres à primeira tentativa, servindo-se de café e sumo depois de lhe apontar em silêncio qual dos armários continha as chávenas e copos. Enquanto o fazia, voltou também a encher a minha chávena.

Comeu em silêncio. E comeu tudo.

Mergulhei as mãos na água quente e espumosa para lavar a pouca louça. Lavei a frigideira por último, sequei-a e esfreguei o negrume com *Crisco*, olhando ocasionalmente o meu convidado. Pairava na cozinha um aroma confortável a pequeno-almoço e detergente. Era um momento estranhamente pacífico.

Esperara tudo menos aquilo quando Eric me disse que alguém que lhe devia um favor seria a minha porta de entrada na comunidade

vampírica do Mississippi. Olhando a paisagem fria pela janela da cozinha, percebi que fora assim que imaginara o meu futuro. Nas poucas ocasiões em que me permitira imaginar um homem partilhando a minha casa.

Era assim que a vida deveria ser para as pessoas normais. Era de manhã, hora de levantar e ir para o trabalho, hora de uma mulher preparar o pequeno-almoço para um homem, se tivesse de sair para ganhar a vida. Aquele homem grande e duro comia comida real. E teria certamente uma carrinha estacionada algures à frente da casa.

Claro que era um lobisomem. Mas um lobisomem podia levar uma vida mais próxima da humanidade que um vampiro.

Por outro lado, o que não sabia acerca dos lobisomens poderia preencher um livro inteiro.

Terminou, submergiu o prato na água do lava-louça e lavou-o e secou-o sozinho enquanto eu limpava a mesa. Era tão ideal como se tivesse sido coreografado. Desapareceu na casa de banho por um minuto enquanto conferia a minha lista mental de coisas que precisava de fazer antes de partir. Precisava de falar com Sam. Era isso o principal. Ligara ao meu irmão na noite anterior para lhe dizer que partiria durante alguns dias. Liz estava com ele e não pensou muito na minha partida. Concordou em vir buscar o meu correio e os jornais.

Alcide veio sentar-se do lado oposto da mesa. Tentava pensar na forma de discutirmos a nossa tarefa conjunta. Tentava perceber que áreas sensíveis deveria evitar. Talvez ele se preocupasse com o mesmo. Não consigo ler a mente de metamorfos ou lobisomens com consistência. São criaturas sobrenaturais. Posso interpretar disposições com alguma certeza e captar ocasionalmente uma ideia clara. Isso torna estes humanos-com-uma-diferença muito menos opacos do que os vampiros. Apesar de saber que existia um núcleo de metamorfos e lobisomens desejosos de mudar as coisas, a sua existência permanecia em segredo. Até verem como a exposição funcionava para os vampiros, os sobrenaturais desta natureza dupla continuariam a defender a sua privacidade de forma feroz.

Os lobisomens são os duros do mundo dos metamorfos. Por definição, são também metamorfos, mas são os únicos com a sua sociedade separada e não permitirão a aplicação do termo «lobisomem» a mais ninguém. Alcide Herveaux parecia bastante duro. Era grande como um penedo, com bíceps que me permitiriam fazer flexões. Era possível que tivesse de se barbear uma segunda vez se pretendesse

sair à noite. Integrar-se-ia na perfeição num estaleiro de obras ou numa doca.

Era um verdadeiro homem.

— De que forma te obrigam a fazer isto? — perguntei.

— Têm um penhor do meu pai — respondeu. Apoiou as mãos enormes sobre a mesa e curvou-se sobre elas. — Sabes que têm um casino em Shreveport?

— Sim. — Era uma excursão popular para as pessoas da região irem a Shreveport ou a Tunica (no Mississípi, imediatamente abaixo de Memphis) e alugarem um quarto por uma noite ou duas para jogarem nas *slots*, verem uns espectáculos, comerem em demasiados bufetes.

— O meu pai deixou-se envolver demasiado. Tem uma empresa de agrimensura (eu trabalho para ele), mas gosta de jogar. — Os olhos verdes reluziram de raiva. — Passou dos limites no casino de Louisiana e os teus vampiros ficaram com o seu penhor. A sua dívida. Se a cobrarem, a nossa empresa vai abaixo. — Os lobisomens pareciam respeitar tanto os vampiros quanto os vampiros os respeitavam a eles. — Por isso, para anular o penhor, tenho de ajudar-te a conviver com os vampiros de Jackson. — Recostou-se na cadeira, olhando-me nos olhos. — Não será difícil levar uma mulher bonita a Jackson e andar de bar em bar. Agora que te conheci, será um prazer fazê-lo para livrar o meu pai da dívida. Mas porque queres fazer uma coisa dessas? Pareces uma mulher a sério e não uma daquelas cabras doentias que se divertem com vampiros.

Era uma conversa directa e refrescante, depois da conferência com os vampiros.

— Apenas me divirto com um único vampiro e por opção — disse, com azedume. — O Bill é o meu... bom... Não sei se continua a ser o meu namorado. Parece que os vampiros de Jackson o terão raptado. E alguém tentou raptar-me ontem à noite. — Achei que seria justo dizer-lhe. — Porque o raptor parecia não saber o meu nome, apenas que trabalhava no *Merlotte's*, é provável que esteja segura em Jackson se ninguém perceber que sou a mulher que namora com o Bill. Tenho de te dizer que o tipo que tentou levar-me era um lobisomem. E tinha matrícula do Condado de Hinds. — Jackson situava-se no Condado de Hinds.

— Trazia um colete de bando? — perguntou Alcide. Acenei afirmativamente. Alcide pareceu pensativo, o que me agradou. Não era uma situação que encarasse de ânimo leve e era bom sinal que ele tam-

bém não o fizesse. — Há um pequeno bando em Jackson composto por lobisomens. Alguns dos metamorfos maiores movem-se nas imediações deste bando. A pantera. O urso. Vendem serviços aos vampiros de forma bastante regular.

— Agora têm um elemento a menos — disse.

Após um momento a digerir a informação, o meu novo companheiro olhou-me de forma demorada e desafiadora.

— Que poderá fazer uma rapariguinha humana contra os vampiros de Jackson? Sabes artes marciais? Tens tiro certo? Estiveste no exército?

Não consegui evitar o sorriso.

— Não. Nunca ouviste o meu nome?

— És famosa?

— Parece que não. — Agradava-me que não tivesse ideias pré-concebidas a meu respeito. — Acho que te deixarei ir descobrindo coisas sobre mim.

— Desde que não te transformes numa cobra. — Ergueu-se. — Não és um homem, pois não? — Aquela possibilidade fê-lo arregalar os olhos.

— Não, Alcide. Sou uma mulher. — Tentei manter a seriedade, mas era difícil.

— Estava disposto a apostar que sim. — Sorriu-me. — Se não és uma super-mulher, que farás quando descobrires onde escondem o teu homem?

— Vou chamar o Eric. Ele é o... — Subitamente, percebi que partilhar segredos dos vampiros não era boa ideia. — O Eric é o patrão do Bill. Decidirá o que fazer depois.

Alcide pareceu céptico.

— Não confio no Eric. Não confio em nenhum deles. É provável que te atraia.

— Como?

— Pode usar o teu homem a seu favor. Pode exigir pagamento, porque têm um dos seus. Pode usar o rapto do teu homem como desculpa para começar uma guerra e, nesse caso, será executado *tout de suite*¹.

Aquilo não me ocorrera.

— O Bill sabe coisas — disse-lhe. — Coisas importantes.

— Ótimo. Isso poderá mantê-lo vivo. — A seguir, viu a minha cara e percebi que a sua revelava incómodo. — Ei, Sookie. Desculpa.

¹ Expressão francesa que em francês significa imediatamente.

Nem sempre penso antes de falar. Havemos de o encontrar, mesmo que me agonie pensar que uma mulher como tu está com uma sanguessuga.

Era doloroso, mas estranhamente refrescante.

— Obrigada. Acho eu — disse, tentando sorrir. — E tu? Tens um plano para me apresentar aos vampiros?

— Sim. Há um clube nocturno em Jackson, perto do Capitólio. Apenas entram sobrenaturais e acompanhantes. Nada de turistas. Os vampiros não chegam para fazer o sítio render e é um sítio conveniente para se encontrarem. Por isso, deixam sobrenaturais reles como nós partilhar a diversão. — Sorriu. Os seus dentes eram perfeitos. Brancos e aguçados. — Não levantarei suspeitas se lá for. Faço-o sempre que vou a Jackson. Terás de ir como minha acompanhante. — Pareceu embaraçado. — Hmm... É melhor avisar-te porque pareces ser alguém que gosta de calças de ganga como eu. Mas, neste clube, gostam que se vistam com roupas de festa. — Receou que não tivesse vestidos finos no armário. Conseguia ler isso com clareza. E não queria que fosse humilhada por aparecer com o vestuário errado. Que homem.

— A tua namorada não vai gostar de saber — disse-lhe, pescando informação por pura curiosidade.

— Por acaso, vive em Jackson. Mas separámo-nos há uns meses — explicou. — Juntou-se com outro metamorfo. O tipo transforma-se numa coruja.

Seria doida? Claro que a história teria mais pormenores.

E, obviamente, caía na categoria «não te diz respeito».

Sem comentários adicionais, fui ao quarto enfiar num saco os dois vestidos formais e respectivos acessórios. Tinham sido ambos comprados na *Tara's Togs*, gerida pela minha amiga Tara Thornton (e agora pertencendo-lhe). Tara ligava-me sempre que havia saldos. Bill era o proprietário do edifício onde se situava a *Tara's Togs* e instruíra todas as lojas a abrirem-me uma conta que se encarregaria de pagar, mas eu resistira à tentação. Excepto no que dizia respeito à substituição de roupa que Bill se ocupara de rasgar nos momentos mais entusiásticos.

Orgulhava-me muito daqueles vestidos porque nunca antes tivera algo que se assemelhasse. Corri o fecho do saco com um sorriso.

Alcide enfiou a cabeça pela porta do quarto para perguntar se estava pronta. Olhou a cama e as cortinas de cor creme e amarela e acenou em aprovação.

— Tenho de ligar ao patrão — disse-lhe. — Depois, podemos ir. — Sentei-me na cama e ergui o auscultador do telefone.

Alcide apoiou-se contra a parede ao lado da porta do meu armário enquanto marcava o número pessoal de Sam. A sua voz estava ensonada quando respondeu e pedi desculpa por ligar tão cedo.

— Que se passa, Sookie? — perguntou, grogue.

— Tenho de me ausentar por uns dias — disse. — Desculpa-me por não poder avisar com maior antecedência, mas liguei à Sue Jennings ontem à noite para saber se podia substituir-me. Disse que sim e dei-lhe os meus horários.

— Onde vais? — perguntou.

— Tenho de ir ao Mississípi — respondi. — A Jackson.

— Pediste a alguém para te ir buscar o correio?

— Ao meu irmão. Obrigado pela preocupação.

— Há plantas para regar?

— Nenhuma que não sobreviva até ao meu regresso.

— Muito bem. Vais sozinha?

— Não — respondi, hesitante.

— Com o Bill?

— Não. Ele... hmm... não apareceu.

— Estás em sarilhos?

— Está tudo bem — menti.

— Diz-lhe que vai um homem contigo — resmungou Alcide, fazendo-me olhá-lo com irritação. Encostava-se à parede e cobria uma parte considerável dela.

— Está aí alguém? — Sam é rápido a perceber as coisas.

— Sim. O Alcide Herveaux — disse-lhe, percebendo que era sensato dizer a alguém que se preocupasse comigo que partiria com aquele tipo. As primeiras impressões podem ser absolutamente enganadoras e Alcide precisava de saber que havia alguém a quem teria de se justificar.

— Ah — disse Sam. O nome não parecia ser-lhe desconhecido. — Deixa-me falar com ele.

— Porquê? — Consigo suportar uma grande dose de paternalismo, mas aquilo passava dos limites.

— Passa-lhe o raio do telefone. — Sam raramente ergue a voz. Fiz uma careta para mostrar o que achava da sua exigência e passei o telefone a Alcide. Saí para a sala e olhei pela janela. Sim. Uma *Dodge*

Ram, de cabina alongada. Quase podia apostar que estava equipada com tudo o que podia ser instalado.

Puxei a mala pela pega e pendurei o saco das costas de uma cadeira junto à porta. Faltava apenas vestir o meu casaco. Senti-me grata por Alcide me ter avisado acerca dos padrões de vestuário do clube nocturno, já que nunca me ocorrera levar algo refinado. Vampiros estúpidos. Código de vestuário estúpido.

Estava deprimida com D maiúsculo.

Percorri novamente o corredor, revendo mentalmente o conteúdo da mala enquanto os dois metamorfos tinham o que presumia ser uma «conversa de homens». Espreitei pela porta do quarto e vi que Alcide, com o telefone na orelha, se sentava na minha cama, no mesmo ponto onde eu me sentara. Parecia sentir-se ali estranhamente à vontade.

Regressei impaciente à sala e tornei a olhar pela janela. Talvez falassem de metamorfoses. Apesar de, para Alcide, Sam (que, habitualmente, se transforma num *collie*, sem estar limitado a essa forma) não passar de um peso-pluma. Mesmo assim, eram ramos da mesma árvore. Por outro lado, Sam ficaria algo receoso acerca de Alcide. Os lobisomens tinham má reputação.

Alcide percorreu o corredor, com as botas reforçadas embatendo sobre o soalho.

— Prometi-lhe que cuidaria de ti — disse-me. — Resta-nos esperar que consiga cumprir a promessa. — Não sorria.

Preparara-me para me sentir ofendida, mas a última frase foi tão realista que perdi o fôlego como se fosse um balão furado. Na complexa relação entre vampiros, lobisomens e humanos, havia grande margem para coisas que pudessem correr mal. Afinal, o meu plano era frágil e o domínio exercido pelos vampiros sobre Alcide era ténue. Bill poderia não ter sido levado contra sua vontade. Podia agradar-lhe ser prisioneiro de um rei, desde que a vampira Lorena estivesse presente. Podia enfurecê-lo que viesse à sua procura.

Podia estar morto.

Tranquei a porta atrás de mim e segui Alcide enquanto se ocupava de arrumar as minhas coisas na cabina alongada da *Ram*.

O exterior da grande carrinha reluzia, mas o interior era o de um veículo desarrumado pertencente a um homem que passava a sua vida laboral na estrada. Um capacete, facturas, orçamentos, cartões profissionais, botas, um estojo de primeiros-socorros. Pelo menos, não havia

restos de comida. Enquanto seguíamos aos solavancos sobre a estrada esburacada, ergui um molho de brochuras presas com um elástico cuja capa dizia: «*Herveaux e Filho*, Engenharia Geográfica». Retirei a primeira e estudei-a com cuidado enquanto Alcide percorria a curta distância até à interestadual 20, que conduzia a Monroe, Vicksburg e, por fim, a Jackson.

Descobri que os Herveaux, pai e filho, eram proprietários de uma empresa implantada em dois estados, com escritórios em Jackson, Monroe, Shreveport e Baton Rouge. A sede, como Alcide me dissera, situava-se em Shreveport. Havia uma fotografia no interior do panfleto mostrando os dois homens e o Herveaux mais velho era tão impressionante como o filho (levando em consideração a diferença de idades).

— O teu pai também é um lobisomem? — perguntei, depois de digerir a informação e de perceber que a família Herveaux era, no mínimo, próspera e, possivelmente, rica. Mas tinham trabalhado arduamente para alcançar esse estatuto e continuariam a trabalhar arduamente a não ser que o Sr. Herveaux conseguisse controlar o seu vício do jogo.

— E também a minha mãe — respondeu Alcide, após uma pausa.

— Ah. Desculpa. — Não sabia ao certo porque pedia desculpa, mas era melhor não correr riscos.

— É a única forma de conceber um filho lobisomem — disse, após um momento. Não conseguia perceber se explicava por delicadeza ou se achava realmente que devia saber.

— Então porque não está a América cheia de lobisomens e metamorfos? — perguntei, depois de ponderar a sua explicação.

— É necessário que os semelhantes se casem, o que nem sempre é possível. E cada união produz apenas uma criança com a mesma natureza. A mortalidade infantil é elevada.

— Isso quer dizer que, se casasses com uma lobisomem, um dos teus filhos seria um lobisomem bebé?

— A condição manifesta-se no início da... hmm... puberdade.

— Isso é horrível. Ser adolescente já é suficientemente duro.

Sorriu, mas o sorriso era destinado à estrada e não a mim.

— Sim. Complica ainda mais as coisas.

— A tua ex-namorada... é metamorfa?

— Sim. Não costumo envolver-me com metamorfos, mas acho que acreditei que seria diferente com ela. Os lobisomens e os metamor-

fos estão ligados por laços fortes. Creio que será magnetismo animal — disse Alcide, numa tentativa de humor.

O meu patrão, que também era um metamorfo, ficara agradado pela possibilidade de fazer amizade com outros metamorfos da região. Envolvera-se com uma ménade (“namoro” seria um termo demasiado doce para a sua relação), mas deixara isso para trás. Agora, Sam esperava encontrar outra metamorfa compatível. Sentia-se mais confortável com uma humana peculiar, como eu, ou com uma metamorfa do que com mulheres comuns. Quando mo contou, pretendia que fosse um elogio ou talvez uma simples afirmação. Mas magoara-me um pouco, apesar de ter tomado consciência da minha anormalidade em muito tenra idade.

A telepatia não espera pela puberdade.

— Porquê? — perguntei, sem rodeios. — Porque achaste que seria diferente?

— Disse-me que era estéril. Descobri que tomava a pílula. É uma grande diferença. Não pretendo transmitir isto a ninguém. Até um lobisomem e uma metamorfa podem gerar uma criança que precise de mudar de forma com a lua cheia, mesmo que apenas filhos de um casal puro, os dois lobisomens ou metamorfos, consigam controlar a metamorfose.

Tinha ali muito em que pensar.

— Então, normalmente, namoras com raparigas comuns. Isso não torna os relacionamentos difíceis? Por teres de manter em segredo um... elemento tão importante da tua vida?

— Sim — admitiu. — Namorar com raparigas comuns pode ser complicado. Mas tenho de namorar com alguém. — Havia na sua voz rouca uma pontada de desespero.

Meditei longamente acerca daquilo que ouvira e fechei os olhos, contando até dez. Sentia saudades de Bill da forma mais elementar e inesperada. A primeira pista fora o aperto abaixo da cintura que sentira quando vira o meu vídeo de *O Último dos Moicanos* na semana anterior e me fixara na deambulação de Daniel Day-Lewis pela floresta. Se pudesse saltar de trás de uma árvore antes que visse a Madeleine Stowe...

Teria de ter cuidado.

— Se morderes alguém, isso não basta para transformar a pessoa mordida num lobisomem? — Decidi mudar o rumo dos pensamentos. Depois, recordei a última vez que Bill me mordera e senti o calor que me irradiava da... «Bolas!»

— É assim que surgem os licantropos. Como os dos filmes. Não demoram a morrer os pobres coitados. E isso não é transmitido se... hmm... gerarem filhos na sua forma humana. Se acontecer enquanto estão transformados, há um aborto.

— Interessante. — Não consegui pensar noutra coisa para dizer.

— Mas também existe o elemento sobrenatural. Tal como sucede com os vampiros — disse Alcide, continuando sem olhar para mim. — Ninguém consegue compreender a relação entre a genética e o sobrenatural. Não podemos limitar-nos a anunciar ao mundo que existimos, como fizeram os vampiros. Seríamos trancados em jardins zoológicos, esterilizados, remetidos para guetos. Porque, por vezes, somos animais. A existência pública parece tornar os vampiros encantadores e ricos. — Parecia consideravelmente amargo.

— Porque me dizes tudo isto sem reservas, já que é um segredo tão grande? — Dera-me mais informação em dez minutos do que a que obtivera de Bill em meses.

— Se vou passar alguns dias contigo, facilitar-me-á muito a vida se souberes. Suponho que terás os teus problemas e parece-me que os vampiros terão também algum domínio sobre ti. Não me parece que vás partilhar o que te contei. E, se o pior acontecer e me tiver enganado a teu respeito, pedirei ao Eric para te fazer uma visita e te apagar a memória. — Abanou a cabeça, confuso e algo irritado. — Não sei porquê. Sinto-me como se te conhecesse.

Não consegui pensar numa resposta, mas precisava de dizer alguma coisa. O silêncio acabaria por conferir demasiada importância à sua última frase.

— Lamento que os vampiros controlem o teu pai. Mas tenho de encontrar o Bill. Se for esta a única forma, terá de ser assim. Devo-lhe isso, no mínimo, mesmo que... — Calei-me. Não queria concluir. Todas as conclusões possíveis eram demasiado tristes. Demasiado definitivas.

Vi-o encolher os ombros, um movimento considerável para Alcide Herveaux.

— Levar uma rapariga bonita a uma discoteca não é grande sacrifício — tornou a assegurar, tentando animar-me.

Se estivesse no seu lugar, era possível que não fosse igualmente generosa.

— O teu pai é um jogador frequente?

— Só desde a morte da minha mãe — respondeu Alcide, após uma longa pausa.

— Lamento. — Mantive os olhos afastados da sua cara, na eventualidade de necessitar de privacidade. — Perdi os meus pais — acrescentei.

— Há muito?

— Quando tinha sete anos.

— Quem te criou?

— A minha avó criou-me a mim e ao meu irmão.

— Ainda está viva?

— Não. Morreu este ano. Foi assassinada.

— É duro. — Não perdia tempo com meias palavras.

— Sim. — Tinha mais uma questão. — Os teus pais contaram-te o que te tornava diferente dos outros?

— Não. Contou-me o meu avô quando tinha treze anos. Reparou nos sinais. Não consigo perceber como os lobisomens órfãos conseguem passar por isto sem orientação.

— Seria muito difícil.

— Tentamos manter-nos atentos a todos os lobisomens que se reproduzem na região. Para que todos sejam avisados.

Até um aviso indirecto era melhor que nada. Mas, mesmo assim, uma sessão de esclarecimento deste tipo seria um grande trauma na vida de qualquer um.

Parámos em Vicksburg para nos abastecermos de gasolina. Ofereci-me para pagar, mas Alcide disse-me com firmeza que podia incluir o valor nas contas como despesa profissional porque precisava de contactar alguns clientes pelo caminho. Também rejeitou a minha disposição para me ocupar de encher o depósito. Mas aceitou o café que lhe paguei, agradecendo tanto como se lhe tivesse oferecido um fato novo. O dia estava soalheiro e frio e dei um passeio rápido à volta da área de serviço para esticar as pernas antes de regressar à cabina da carrinha.

Ver as placas que apontavam para o campo de batalha recordou-me um dos dias mais cansativos que vivera enquanto adulta. Dei comigo a falar a Alcide do clube preferido da minha avó, os Descendentes dos Mortos Gloriosos, e da visita que tinham feito ao campo de batalha dois anos antes. Ocupara-me de guiar um dos carros e Maxine Fortenberry (avó de um dos melhores amigos do meu irmão Jason) guiou o outro e foi uma excursão demorada. Cada um dos Descendentes tinha trazido um texto preferido a respeito do cerco e uma paragem anterior no centro de acolhimento de visitantes abastecera-os com ma-

pas e recordações. Apesar do falhanço das fraldas *Depend* de Velda Cannon, todos nos divertimos bastante. Lemos a descrição de cada monumento, fizemos um piquenique ao almoço junto ao *USS Cairo* restaurado e voltámos para casa carregados de recordações e exaustos. Fomos mesmo ao *Casino Capri* para uma hora de olhares fixos espantados e algumas tentativas receosas com as *slot-machines*. Fora um dia muito feliz para a minha avó, quase tão feliz como a noite em que convenceu Bill a falar num encontro dos Descendentes.

— Porque quis que fizesse isso? — perguntou Alcide. A descrição da nossa paragem para jantar no *Cracker Barrel* fizera-o sorrir.

— O Bill é veterano — respondi. — Da guerra. Não de palestras.

— E então? — Após uma pausa, continuou: — Queres dizer que o teu namorado é veterano da Guerra Civil?

— Sim. Ainda era humano. Só foi transformado depois da guerra. Tinha mulher e filhos. — Era difícil continuar a chamar-lhe namorado por saber que estava prestes a trocar-me por outra.

— Quem o transformou em vampiro? — perguntou Alcide. Tínhamos chegado a Jackson e dirigia-se para a baixa, em direcção ao edifício da sua empresa.

— Não sei — respondi. — Não fala no assunto.

— Isso parece-me um pouco estranho.

Na verdade, também me parecia um pouco estranho a mim, mas achei que era algo muito pessoal e que, quando Bill me quisesse contar, fá-lo-ia. Sabia que o elo entre o vampiro criador e o transformado era muito forte.

— Acho que já não é o meu namorado — admiti. Apesar de «namorado» me parecer um termo muito fraco para descrever o que Bill fora para mim.

— Ah sim?

Corei. Não devia ter dito nada.

— Mas continuo a precisar de o encontrar.

Permanecemos em silêncio por um longo momento depois disso. A última cidade que visitara fora Dallas e não era difícil perceber que Jackson não se aproximava da mesma dimensão. (Na minha opinião, era um grande ponto positivo.) Alcide apontou a estátua dourada sobre a cúpula do novo capitólio e admirei-a de forma adequada. Pensei que era uma águia, mas não tinha a certeza e tive alguma vergonha de perguntar. Precisaria de óculos? O edifício para onde nos dirigíamos situava-se perto da esquina da High Street com a State Street.

Não era novo. A coloração creme original com laivos dourados dos tijolos, transformara-se num castanho claro sujo.

— Os apartamentos aqui são maiores que nos edifícios novos — explicou Alcide. — Há um pequeno quarto de hóspedes. Deverá estar tudo pronto para nos receber. Usamos o serviço de limpeza do edifício.

Acenei afirmativamente em silêncio. Não conseguia recordar se alguma vez estivera num edifício de apartamentos. Depois, apercebi-me que sim. Claro que sim. Havia um edifício de apartamentos com dois andares e em forma de U em Bon Temps. Teria já visitado alguém ali. Durante os sete anos anteriores, praticamente todos os solteiros tinham alugado casa no *Edifício Kingfisher* nalgum momento da sua carreira romântica.

Alcide disse-me que o seu apartamento se situava no último piso, o quinto. Da rua, descia-se por uma rampa até ao estacionamento. Havia um segurança à entrada da garagem, ocupando uma pequena cabina. Alcide mostrou-lhe um cartão de plástico. O segurança encorpado, com um cigarro pendurado da boca, mal olhou o cartão que Alcide erguia antes de pressionar um botão para erguer a cancela. O aparato não me impressionou. Senti que podia desancar pessoalmente aquele tipo. Jason, o meu irmão, conseguiria esborrachá-lo no pavimento.

Sáímos da carrinha e retirámos a bagagem do banco traseiro. O saco onde trazia os vestidos aguentara-se bem. Sem me pedir permissão, Alcide ocupou-se da minha pequena mala. Encaminhou-se para um ponto central da garagem e vi a porta reluzente de um elevador. Pressionou o botão e esta abriu de imediato. O elevador guinchou enquanto subia, depois de Alcide pressionar o botão com o número 5. Estava, pelo menos, muito limpo. Quando a porta abriu, a limpeza estendia-se à alcatifa e ao corredor.

— Transformaram isto num condomínio e acabámos por comprar — disse Alcide, como se aquilo não tivesse qualquer importância. Sim. Ele e o pai tinham feito algum dinheiro. Disse que havia quatro apartamentos por piso.

— Quem são os vossos vizinhos?

— O 501 pertence a dois senadores estaduais e de certeza que foram passar a época festiva a casa — respondeu. — A esposa de Charles Osburgh III vive no 502 com a enfermeira. A Sra. Osburgh foi uma senhora da alta sociedade até ao ano passado. Acho que já não consegue andar. O 503 está vazio por agora, a não ser que o agente imobiliário o tenha vendido nas últimas duas semanas. — Destrancou a porta do

504 e abriu-a, convidando-me a entrar em primeiro lugar. Entrei num átrio silencioso e, à esquerda, vi uma cozinha delimitada por bancadas e não por paredes, permitindo ver a sala de estar e de jantar. Havia uma porta imediatamente à minha direita, que provavelmente pertenceria a um armário, e outra um pouco mais à frente, conduzindo a um pequeno quarto com uma cama de casal feita com cuidado. A porta seguinte abria para uma pequena casa de banho com azulejos brancos e azuis e toalhas colocadas nos suportes.

Além da sala de estar, à minha esquerda, situava-se a porta para um quarto maior. Espreitei brevemente o interior, não querendo parecer demasiado interessada no espaço privado de Alcide. A cama no interior era enorme. Pensei se Alcide e o pai receberiam muitas visitas quando se encontravam em Jackson.

— O quarto principal tem casa de banho privativa — explicou Alcide. — Teria todo o gosto em oferecer-to, mas é lá que fica o telefone e espero alguns telefonemas de negócios.

— O quarto mais pequeno é perfeito — disse-lhe. Olhei um pouco mais em redor depois de as minhas coisas terem sido arrumadas no quarto.

O apartamento era uma ode à cor bege. Alcatifa bege, mobiliário bege. Papel de parede com um padrão oriental de bambu sobre fundo bege. Era muito discreto e limpo.

Enquanto pendurava os vestidos no armário, pensei na quantidade de noites em que teria de ir ao clube. Se fossem mais de duas, teria de fazer compras. Mas isso era impossível ou, no mínimo, imprudente com o meu orçamento. Uma preocupação familiar caiu-me sobre os ombros.

A minha avó não tinha muito que me pudesse ter deixado, sobretudo depois das despesas com o funeral. A casa fora uma herança maravilhosa e inesperada.

O dinheiro que usara para me criar a mim e a Jason, dinheiro resultante de um poço de petróleo esgotado, há muito que se fora. A quantia que recebera pelos serviços prestados aos vampiros de Dallas servira para comprar os dois vestidos, pagar o imposto imobiliário e mandar cortar uma árvore porque um nevão no Inverno anterior lhe soltara as raízes, fazendo-a curvar-se e aproximar-se demasiado da casa. Um grande ramo caíra já, danificando um pouco o telhado de zinco. Felizmente, Jason e Hoyt Fortenberry sabiam o suficiente sobre telhados para me repararem o estrago.

Recordei a carrinha da empresa de reparação de telhados estacionada à porta de Belle Rive.

Sentei-me na cama de repente. De onde viera aquilo? Seria mesquinha ao ponto de me chatear com o meu namorado porque pensara em formas diferentes de garantir a prosperidade dos seus descendentes (os antipáticos e ocasionalmente arrogantes Bellefleur), enquanto eu, o amor da sua não-vida, me debatia com problemas financeiros?

Podem crer que era suficientemente mesquinha.

Deveria ter vergonha.

Mas mais tarde. Não terminara de acumular desgostos.

Enquanto pensava em dinheiro (na falta dele), pensei se ocorreria a Eric, quando me enviou naquela missão, que, porque faltaria ao trabalho, não seria paga. Por não ser paga, não poderia pagar as contas da luz, da televisão por cabo, do telefone ou o seguro automóvel... Apesar de ter uma obrigação moral de encontrar Bill, independentemente do que acontecesse à nossa relação.

Deixei-me cair na cama e disse a mim própria que tudo se resolveria. Sabia, lá no fundo, que bastaria sentar-me com Bill, presumindo que conseguiria resgatá-lo, e explicar-lhe a minha situação para que ele... fizesse alguma coisa.

Mas não podia limitar-me a aceitar-lhe dinheiro. Claro que, se fôssemos casados, não haveria problema. Marido e mulher partilhavam as suas posses. Mas não podíamos casar-nos. Era ilegal.

E ele não me pedira em casamento.

— Sookie? — perguntou uma voz junto à porta.

Pestanejei e endireitei-me. Alcide encostava-se à ombreira, cruzando os braços sobre o peito.

— Está tudo bem?

Acenei afirmativamente, sem grande certeza.

— Sentes saudades dele?

Senti-me demasiado envergonhada para referir os meus problemas financeiros e, obviamente, não eram mais importantes do que Bill. Para simplificar as coisas, tornei a acenar com a cabeça.

Alcide sentou-se ao meu lado e rodeou-me com um braço. Era tão quente. Cheirava a *Tide* e a sabonete *Irish Spring*. E a homem. Fechei os olhos e contei até dez.

— Sentes saudades dele — disse ele, confirmando a suspeita. Segurou-me a mão esquerda e o seu braço direito apertou-me mais.

«Não sabes quanto», pensei.

Aparentemente, depois de se habituar a sexo frequente e espectacular, o corpo adquire mente própria (por assim dizer) quando é privado dessa diversão. Sem referir a falta que me faziam os abraços e as carícias. O meu corpo implorava-me que espalmasse Alcide Herveaux sobre a cama para poder aproveitar-me dele. «Sem perder tempo.»

— É verdade que sinto saudades dele, independentemente dos nossos problemas — disse, com uma voz que soou débil e trémula. Não abri os olhos porque, se o fizesse, poderia ver na sua face um impulso ténue, alguma minúscula inclinação, e não seria preciso mais nada.

— A que horas achas que devemos ir ao clube? — perguntei, mudando o rumo da conversa com firmeza.

Era tão quente.

Outro rumo!

— Queres que faça o jantar antes de irmos? — Era o mínimo que podia fazer. Ergui-me da cama como um foguete, voltando-me para ele e esboçando o sorriso mais natural que consegui. Tinha de me afastar dele ou saltar-lhe-ia para cima.

— Vamos ao *Mayflower Café*. Parece um restaurante velho. Ou melhor, é um restaurante velho. Mas gostarás. É frequentado por toda a gente. Senadores e carpinteiros. Todos os tipos de pessoas. Só servem cerveja. Há problema? — Encolhi os ombros e acenei afirmativamente. Não havia qualquer problema. — Não bebo muito — disse-lhe.

— Nem eu — retorquiu. — Talvez porque, ocasionalmente, o meu pai bebe demasiado. Depois, toma as decisões erradas. — Alcide pareceu lamentar dizer-me aquilo. — Depois do *Mayflower*, vamos ao clube — disse, com maior severidade. — Anoitece muito cedo nesta altura do ano, mas os vampiros só se mostram depois de terem bebido sangue, de irem buscar os pares respectivos e de fazerem negócio. Deveremos chegar por volta das dez. Iremos jantar por volta das oito se não te opuseres.

— Muito bem. — Sentia-me perdida. Eram apenas duas da tarde. O apartamento não precisava de limpeza. Não havia motivos para cozinhar. Se quisesse ler, tinha romances na mala. Mas, na minha condição presente, era pouco provável que ajudasse o meu estado de... alma.

— Ouve... Importas-te que saia para visitar uns clientes? — perguntou.

— Por mim tudo bem. — Achei que seria melhor se não estivesse por perto. — Vai fazer o que tens a fazer. Eu tenho livros para ler e há também a televisão. — Talvez pudesse começar o policial.

— Se quiseres... Bom... A minha irmã Janice tem um salão de beleza a quatro quarteirões de distância, num dos bairros mais antigos. Casou-se com um tipo da cidade. Se quiseres, podes ir até lá e fazer o tratamento completo.

— Ah... Eu... Isso... — Não era suficientemente sofisticada para pensar numa recusa plausível quando o obstáculo inultrapassável era a minha falta de dinheiro.

Subitamente, percebeu tudo.

— Se lá fores, a Janice podia avaliar-te. Afinal, é suposto que sejas a minha namorada e ela sempre odiou a Debbie. Gostaria muito da visita.

— Estás a ser muito simpático — disse, tentando não soar tão confusa e comovida como me sentia. — Não esperava que fosses.

— Tu também não és como esperava — disse, deixando o número do salão da irmã junto ao telefone antes de sair para se ocupar dos seus negócios.